

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA
NÚCLEO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM LETRAS
MESTRADO ACADÊMICO EM LETRAS

POLIANE CARVALHO CASTRO

NEGACIONISMO CIENTÍFICO: CIRCULAÇÃO E(M) SENTIDOS

PORTO VELHO - RO
2022

POLIANE CARVALHO CASTRO

NEGACIONISMO CIENTÍFICO: CIRCULAÇÃO E(M) SENTIDOS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* Mestrado Acadêmico em Letras, da Universidade Federal de Rondônia, como requisito para a obtenção do título de Mestra em Letras.

Linha de pesquisa: Estudos descritivos e aplicados de Línguas e Linguagens.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Marília Lima Pimentel Cotinguiba.

PORTO VELHO - RO
2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Fundação Universidade Federal de Rondônia
Gerada automaticamente mediante informações fornecidas pelo(a) autor(a)

C355n Castro, Poliane Carvalho.

Negacionismo científico: circulação e(em) sentidos pesquisa bibliográfica / Poliane Carvalho Castro. -- Porto Velho, RO, 2022.

103 f. : il.

Orientador(a): Prof. PhD Marília Lima Pimentel Cotinguiba

Dissertação (Mestrado Acadêmico em Letras) - Fundação Universidade Federal de Rondônia

1.Negacionismo científico. 2.Análise do discurso. 3.Silêncio. 4.Sentidos. I. Cotinguiba, Marília Lima Pimentel. II. Título.

CDU 81'4(043)

3



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA
MESTRADO EM LETRAS
LISTA DE VERIFICAÇÃO

POLIANE CARVALHO CASTRO

NEGACIONISMO CIENTÍFICO: CIRCULAÇÃO E(M) SENTIDOS

Dissertação apresentada em 27 de maio de 2022 ao Programa de Pós-Graduação Mestrado em Letras (PPGML) da Fundação Universidade Federal de Rondônia (UNIR) como um dos requisitos para a obtenção do Título de Mestre em Letras e aprovada em sua forma final pela banca examinadora constituída pelos docentes:

BANCA EXAMINADORA

Professora Dra. Marília Lima Pimentel Cotinguiba, Presidente da Banca e Orientadora (UNIR);

Professor Dr. Élcio Aloisio Fragoso, Membro Interno ao Programa (UNIR);

Professor Dr. Tiago José Freitas Batista, Membro Externo (UFRJ);



Documento assinado eletronicamente por **MARILIA LIMA PIMENTEL COTINGUIBA, Docente**, em 05/08/2022, às 17:14, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **ELCIO ALOISIO FRAGOSO, Coordenador(a)**, em 05/08/2022, às 17:19, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Tiago José Freitas Batista, Usuário Externo**, em 08/08/2022, às 12:37, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.unir.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0977400** e o código CRC **8F6E81FF**.

“Discurso é tudo isso sim (fala, palavras, sons, símbolos escritos etc.), mas é também, como nos dizem Orlandi (2015), Foucault (2014), Maingueneau (2015), Charaudeau (2015), entre outros, uma espécie de força/rede que nos une a todos nós, que participamos a toda hora de um jogo de lutas ideológicas no qual nos alternamos entre a resistência e a concordância. Ou impomos ou cedemos. Jamais somos neutros”.

Tayson Ribeiro Teles

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, pela oportunidade e saúde, para a realização desta conquista que nem em sonho antes acreditava ser possível.

Ao meu esposo Kleyton, parceiro, amigo e motivador que desde o princípio dedicou-me palavras de apoio, fortalecendo minha caminhada universitária.

A minha família e amigos, pela torcida e palavras de encorajamento, instigando-me e tornando o processo mais leve e tranquilo.

Em especial, a minha irmã Bruna Carvalho pelo acolhimento em sua residência em Porto Velho durante quase um ano, contribuindo comigo emocional e financeiramente.

Ao meu amigo/irmão e intérprete Guilherme Bastos, que me ensinou, de forma carinhosa, a caminhar e transitar pelas vias portovelhenses; sua companhia e amizade foram um conforto e segurança para mim.

A minha amiga feminista Ludmila Navarrete, que semeou as primeiras orientações acadêmicas de um mestrado federal, ainda em 2017, incentivando-me a fazer a inscrição e o consequente ingresso no curso.

E, em nome da minha amiga Noraides Ferreira de Almeida, cumprimento e agradeço à Turma 2019 do Mestrado Acadêmico em Letras, que com plena certeza contribuiu para mais esta grande etapa da minha vida.

Aos meus queridos professores doutores Júlio Rocha, Nadia Nalziza, Nair Gurgel, Lucas Khalil e João Carlos, que contribuíram para a minha carreira profissional e acadêmica, por meio de ensinamentos ministrados em cada aula.

A minha orientadora e professora Marília Pimentel, pela qual tenho grande admiração e que se tornou uma amiga e exemplo para mim. Tenho eterna gratidão a ela pelo acolhimento e acompanhamento durante todo o período da escrita.

Ao nosso querido Orowao Pandran Canoé Oro Mon (*in memoriam*), que por um curto período de tempo ensinou à turma valores imprescindíveis e primordiais para um ser humano. Sua humildade, determinação, foco e resistência evidenciam seu legado. Agradeço à Universidade Federal de Rondônia por me oportunizar tal encontro tão significativo para toda a minha vida.

Aos membros da banca pelas contribuições.

RESUMO

A pesquisa em questão tem por objetivo analisar a constituição e a circulação do negacionismo científico no Brasil. Para isso, serão utilizados aportes teóricos da análise do discurso de linha francesa, que se refletirão nas análises do corpus em questão: ao todo, nos dedicamos a analisar três notícias. Nossas análises abordam discussões sobre ideologias presentes no negacionismo científico, em quais condições elas são produzidas e as relações de força que instituem tais discursos. Assim, busca analisar como o acontecimento “pandemia” circula seus efeitos de sentido entre sujeitos e como o silêncio e o silenciamento se instituem e são instituídos entre a classe de cientistas e a de trabalhadores na linha de frente da Saúde Pública do Brasil. A pesquisa das notícias toma como base principalmente a teoria da análise do discurso. Fundamenta-se em autores como Michel Pêcheux, que fundou a escola francesa dedicada ao tema, Eni Puccinelli Orlandi, pioneira na área da análise do discurso no Brasil no final dos anos 70, Mikhail Bakhtin, com suas contribuições a respeito de gêneros discursivos, e Foucault, que buscou compreender o discurso partindo da premissa de que o mesmo é instrumento de poder: “[...] não há saber sem uma prática discursiva definida, e toda prática discursiva pode definir-se pelo saber que ela forma” (FOUCAULT, 2005a, p. 205). Assim, acredita-se que os recursos metodológicos adotados nesta pesquisa, a priori, conduziu satisfatoriamente ao objetivo almejado.

Palavras-chave: Negacionismo científico. Análise do discurso. Silêncio. Sentidos.

ABSTRACT

The research in question aims to analyze the construction and circulation of scientific denialism in Brazil. For this, theoretical contributions of French discourse analysis will be used, which will be reflected in the analysis of the corpus in question: in all, we are dedicated to analyzing three news items. Our analyzes approach discussions about ideologies present in scientific denialism, under what conditions they are produced and the power relations that establish such discourses. Thus, it seeks to analyze how the “pandemic” event circulates its effects of meanings between subjects and how silence and silencing are instituted and are instituted between the class of scientists and workers on the front line of Public Health in Brazil. News research is based on the theory of discourse analysis. It is based on authors such as Michel Pêcheux, who founded the French school dedicated to the subject, Eni Puccinelli Orlandi, a pioneer in the field of discourse analysis in Brazil in the late 1970s, Mikhail Bakhtin, a Russian thinker, with his contributions to gender discourses, and Foucault, who sought to understand discourse based on the premise that it is an instrument of power: “[...] there is no knowledge without a defined discursive practice, and every discursive practice can be defined by the knowledge it forms ” (FOUCAULT, 2005a, p. 205). Thus, it is believed that the methodological resources adopted in this research, a priori, can satisfactorily lead to the desired objective.

Key-words: Scientific denialism. Discourse analysis. Silence. Senses.

SUMÁRIO

SEÇÃO I - APRESENTAÇÃO	11
1.1. Caminhada acadêmica	11
1.2. Contextualização da temática escolhida: a pandemia da covid-19 e o negacionismo científico na atualidade	12
SEÇÃO II - MÉTODO.....	20
2.1. Metodologia	20
2.2. Problema - recorte e hipóteses	22
2.3. Corpus e critérios de análise	24
2.4. Objetivos: geral e específicos.....	30
SEÇÃO III - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	32
3.1. Mídia digital, jornais e webjornais	32
3.2. Análise do discurso: apontamentos norteadores.....	36
3.2.1. Ideologia	40
3.2.2. Condições de produção	45
3.2.3. Relações de força	49
3.2.4. Acontecimento	54
3.2.5. Sentido.....	58
3.2.6. Sujeito	61
3.2.7. Silêncio	66
SEÇÃO IV - ANÁLISES E DISCUSSÕES	71
4.1. Efeitos de sentido	71
4.2. Análise 1: “Bolsonaro fala em 'guerra' e pede que empresários joguem 'pesado' com Doria contra 'lockdown'”	72
4.3. Análise 2: “Ô imbecil, eu já tive o vírus, para que tomar a vacina?”	81
4.4. Análise 3: “‘sou o único chefe de Estado do mundo a ser contra essa política’, diz Bolsonaro sobre isolamento social”	85
CONSIDERAÇÕES FINAIS	94
ANEXOS.....	99

SEÇÃO I - APRESENTAÇÃO

1.1. Caminhada acadêmica

A iniciação acadêmica, para mim, tornou-se possível aos 20 anos de idade, ainda em 2006, na área de Ciências Humanas; na ocasião, cursei Administração. Nesse curso, certamente fui descobrindo, aos poucos, um mundo de possibilidades. Concomitantemente, iniciou-se um processo significativo de construção social, pessoal e profissional. Desde então, a curiosidade em entender o indivíduo em seu ambiente de trabalho, a construção e evolução dele por meio de ações, palavras, bem como atitudes produzidas na perspectiva de uma empresa, tornaram-se molas propulsoras para a minha permanência no ensino superior. Assim, as experiências sociais vivenciadas ao longo desta caminhada formaram a base para eu não desistir dos estudos científicos.

Desse modo, o ensino-aprendizagem mediado pelos professores em sala de aula evidenciou a importância da iniciação acadêmica, bem como a continuidade nesta caminhada. Mesmo sem perspectiva no campo inicial de estudo (bacharel em Administração), levei adiante o curso até a conclusão de duas especializações, sendo a última considerada um marco em minha caminhada acadêmica: Didática e Metodologia no Ensino Superior, finalizada em 2016, a partir da qual se despertou em mim o interesse voltado para a área da docência.

A partir de 2017, com o processo seletivo para alunos especiais, tive o primeiro contato com a Universidade Federal de Ensino, que resultou no ingresso na disciplina Pluralidade Cultural e Linguagens. Esse período de ensino e vivência possibilitou a observação quanto às minhas chances para o ingresso no curso de pós-graduação *stricto sensu* (mestrado).

É importante mencionar ainda aqui que nessa ocasião não estava inserida em ambiente empresarial quanto a desenvolver a experiência em sala de aula. Tal oportunidade só veio a ser obtida, por um período de quatro anos, na instituição profissional de ensino Senac/Jaru, como docente de gestão. A experiência nessa área oportunizou a realização de projetos, eventos, criação de plano de trabalho docente, participações em treinamentos, tudo isso resultando, de forma significativa,

na elaboração do ser profissional educadora e, de outro, em uma motivação maior para a construção do ser humano como pessoa.

Dessa forma, inserida no ambiente escolar, a sala de aula me proporcionou a busca por aprofundamento científico, titulação para o ingresso em outras instituições, evolução na carreira educacional e obtenção de status acadêmico, mudando de aluna especial, em 2019, para aluna efetiva. Essa aprovação no curso de mestrado em Letras pela UNIR, além de muitas alegrias, tornou possível a realização dos objetivos já elencados. Na constituição desse processo, tornou-se nítida a importância do papel social e científico da docência.

Assim, a proposição visando ao exercício de analisar a caminhada acadêmica, desde os primeiros passos até a elaboração do projeto de pesquisa para a vaga em um mestrado, evidencia o objetivo e a preocupação com fatos e vivências nos diversos campos da ciência, bem como a produção de conhecimento para a tomada de decisões mais assertivas na sociedade. Isso permite o enfrentamento da situação atual, a pandemia da covid-19, a contenção e o enfrentamento da doença baseados em estudos bem fundamentados. Certamente, a motivação dessa temática ocorreu mediante a diversidade de notícias que surgiram em sites, no contexto do novo cenário.

Desse modo, com o advento da pandemia da covid-19 no país, percebe-se que a mídia digital tornou-se um espaço para inúmeras produções discursivas a respeito do assunto. Algumas mudanças acentuadas foram provocadas na sociedade durante tal período. Isolados dentro de casa, muitos brasileiros acompanharam as principais notícias em canais de comunicação pela internet. Conceituada por Bonini (2011) como “elemento contextualizador no interior do qual um gênero circula”, a mídia torna-se objeto extremamente relevante para esta pesquisa por sua capacidade de difusão e circulação de discursos.

1.2. Contextualização da temática escolhida: a pandemia da covid-19 e o negacionismo científico na atualidade

No final de 2019, surgiu na região de Wuhan (China) um novo vírus denominado Sars-CoV-2, popularmente conhecido como coronavírus, espalhando-se pelo mundo e sendo detectado no Brasil no início de 2020. O primeiro caso confirmado no Brasil ocorreu no dia 26 de fevereiro daquele ano. E foi no Estado de São Paulo, conforme apontado em uma pesquisa realizada pelo site *Veja Saúde* em 3 de agosto de 2020 (SAÚDE, VEJA, 2020).

Desde a identificação da chegada desse vírus no Brasil, muitas dúvidas pairaram sobre a doença, tanto relativas à origem, ao caminho para a descoberta da cura, quanto para a eficácia do seu tratamento, e nesse entremeio estudos sobre as medidas de prevenção para contenção do vírus. E isso nos leva à reflexão acerca de aspectos de ordem política, social, ética, econômica, ideológica, entre outros, vinculados à perspectiva negacionista científica da pandemia da covid-19.

Em sua condição de um dos grandes desafios do século XXI, a covid-19 trouxe um número alarmante de óbitos, atualmente¹ quase 650 mil (SAÚDE.GOV, 2021) foram acometidos pela doença, afetando a saúde e a economia do Brasil. A doença ocasionada por um vírus infectocontagioso é uma síndrome respiratória aguda grave tipo 2, a Sars-CoV-2, em inglês: *severe acute respiratory syndrome-associated coronavirus 2*.

Estudos científicos demonstram que a transmissão da doença ocorre pelo contato com pessoas infectadas, por gotículas e secreções espalhadas por meio de espirros, saliva, tosse, ambientes e/ou superfícies contaminados, entre outras formas de contágio, produzindo sintomas que variam desde pequenas tosses, dores de cabeça, perda de paladar, febre ou sintoma nenhum, como é conhecido o grupo dos assintomáticos.

Entretanto, neste período muitas vertentes surgiram a fim de responsabilizar “alguém” pela origem do coronavírus. Assim, questões como: conspiração, capitalismo, comunismo, giraram em torno do assunto. Desta forma, a origem da

¹ Desde o início da pandemia até 25/2/2022, o Brasil havia registrado 648.267 óbitos e o número de pessoas infectadas com o vírus era de 28.671.194.
<https://g1.globo.com/saude/coronavirus/noticia/2022/02/25/brasil-registra-781-mortes-por-covid-media-movel-entra-em-tendencia-de-queda-apos-quase-dois-meses.ghtml>. Acesso: 26/2/2022.

pandemia ocasionada pela covid-19 dividiu opiniões, o que nos permite no viés da Análise de discurso produzir gestos de interpretação.

Acidente de laboratório ou incidente através do contato humano com um animal infectado, projetaram rumores de que a China especificamente na cidade de Whuhan em 2019, provocou essa situação a fim de provocar uma crise mundial. É diante desse cenário, que a saúde pública, entra em colapso e evidencia a importância de um Estado democrático, livre e de direito.

O capitalismo mostra desigualdades nas sociedades, colocando no centro o debate necessário sobre o papel do Estado. Perder um emprego, cuidar da saúde ou não conseguir um meio de vida diário é um pesadelo potente em estados onde o mercado é o grande alocador de recursos, também sob o governo das direitas liberais e globalistas (BURIAN,2020).

O capitalismo é um sistema em que predomina a propriedade privada e a busca constante pelo lucro e pela acumulação de capital, que se manifesta na forma de bens e dinheiro. Apesar de ser considerado um sistema econômico, o capitalismo entende-se aos campos políticos, sociais, culturais, éticos e muitos outros, compondo quase que a totalidade do espaço geográfico.

Ao projetarmos nosso olhar do ponto de vista histórico, O processo de surgimento do capitalismo foi lento e gradual, iniciando-se na chamada Baixa Idade Média (do século XIII ao XV), com a formação de pequenas cidades comerciais, denominadas burgos. Essas cidades desafiavam a ordem então vigente na época, a do feudalismo, em que a Europa era repartida em vários feudos, cada um comandado exclusivamente pelo seu Senhor Feudal. A usura era condenada pela Igreja Católica, a instituição mais poderosa na Idade Média, o que dificultava, ainda mais, o nascimento do novo sistema que se encontrava em emergência.

Com o passar do tempo, o poder da classe que comercializava nos burgos, a burguesia, foi se expandido e o acúmulo de capital difundiu-se. Tal fator, associado ao crescimento dessas cidades e ao conseqüente processo de relativa urbanização da Europa, além de fatores históricos (como as Cruzadas), provocou uma gradativa derrocada do sistema feudal e o surgimento do capitalismo. O principal evento que marcou a formação desse novo modelo econômico de sociedade foi a realização das Grandes Navegações no final do século XV e início do século XVI.

Assim, para fundamentar esta questão, explicamos o capitalismo na perspectiva de duas grandes correntes. Teorias elaboradas por Max Weber (1864-1920) e por Karl Marx (1818-1883). Costuma-se denominar a primeira teoria de culturalista e a segunda de histórica, cada visão se diferencia pelo ponto de partida para explicarem seus conceitos.

O capitalismo, na visão de Weber, é observado por meio de fatores externos à economia. Essa corrente mostra que o capitalismo se constitui à partir da herança de um modo de pensar as relações sociais. Weber observa o movimento da Reforma na Europa: nesse caso, sobre o protestantismo de Lutero e mais ainda do calvinismo.

Assim, esse modo de pensar weberiano, refere-se a valorização do trabalho exacerbado, a busca pela salvação individual através da prática de uma profissão (vocação). O pertencer ao grupo dos predestinados, significa que o indivíduo almeja o crescimento de suas riquezas pelo trabalho e poupança. O ato da Reforma vai elaborar um conjunto de ideia que formaria o fundamento de uma ética, com princípios, normas para conduta, que expressaria uma mentalidade e de um espírito capitalista. Sendo assim, Weber evidencia a concepção do capitalismo a grande importância conferida a fatores culturais (CATANI, p. 7, 1980).

A segunda corrente, idealizada por Marx, parte de uma perspectiva histórica, observa o capitalismo como sendo um determinado modo de produção de mercadorias, teve seu início na Idade Moderna e que encontrou seu ápice no intenso processo de desenvolvimento industrial nas revoluções inglesas, onde foi denominada revolução industrial. Marx define modo de produção de duas formas: tanto o modo pelo qual os meios necessários à produção são apropriados, como também um determinado sistema no qual a força de trabalho se transforma em mercadoria e se coloca no mercado como qualquer objeto de troca.

O capitalismo, segundo essa teoria, só vai existir caso os meios de produção estejam concentrados em mãos de uma classe social e a presença de uma outra classe social para vender sua força de trabalho e que esse ato seja sua única forma de subsistência. Esse mecanismo foi estabelecido historicamente, transformou

antigas relações econômicas dominantes no feudalismo, destituiu-as e ao mesmo tempo foi construindo o capitalismo.

Portanto, o capitalismo do ponto de vista político, econômico e social no período da pandemia da covid-19 no Brasil, evidenciou infelizmente o detrimento da vida humana, com a luta de classes e o abismo entre o rico e o pobre. A crise sanitária a qual o Brasil enfrentou não foi suficiente para que o sistema político diminuísse o número de óbitos. Pois, do outro lado, na área da ciência pouco eram os investimentos para o avanço da covid-19.

Com o diagnóstico da doença, a busca por medidas de contenção e avanço rapidamente são iniciadas. Dessa maneira, desencadeiam-se as muitas pesquisas científicas, os testes em laboratório, a criação de medicamentos, e logo a classe de cientistas e trabalhadores da linha de frente da Saúde Pública se depara com o descaso de muitos governantes (autoridades, portanto) em relação à epidemia. Um dado relevante para esta pesquisa é sobre o investimento realizado na ciência do Brasil. Segundo o relatório de Ciência da Unesco (2021):

Os gastos globais com ciência aumentaram 19% no mundo entre 2014 e 2018. Mesmo sem dados consolidados, a tendência foi reforçada ainda mais nos dois anos seguintes, em razão da pandemia de covid-19. Entretanto, a expansão da valorização da ciência é desigual. Apenas dois países representam 63% desse aumento: Estados Unidos e China. Enquanto isso, quatro a cada cinco países destinam menos de 1% do PIB para os setores científicos (REDE BRASIL, 2021).

Os dados sobre os investimentos na área da ciência apenas revelam a desvalorização da classe científica brasileira.

A porcentagem de investimento do PIB brasileiro em ciência (1,26%) é inferior à média mundial de 1,79%. Contrariando a tendência global, de 2014 para 2018, o país investiu porcentagem menor; 1,27% naquele ano. A América Latina como um todo seguiu tendência de redução nos investimentos em ciência. O continente foi de 0,73% para 0,66% (REDE BRASIL, 2021).

Ainda assim, em contrapartida, a redução do investimento na ciência não impossibilitou que as pesquisas na área continuassem. Então, observou-se que os

cientistas continuaram a desenvolver o seu papel: “embora com número inferior de pesquisadores na média global, cientistas brasileiros destacam-se na relevância da produção. Mais de 35% dos artigos nacionais têm coautoria e menções em outros países” (REDE BRASIL, 2021). Ou seja: mesmo com pouco investimento, os estudos científicos puderam avançar e contribuir consideravelmente para o enfrentamento da pandemia.

De outro lado, entretanto, há no país muitos adeptos de teorias negacionistas que se recusam a aceitar a realidade científica e desconsideram argumentos racionais disseminando desinformação.

Marcos Francisco Napolitano Eugênio, doutor em História Social pela Universidade de São Paulo (USP), afirma que negacionismo científico é “ato de negar ou não reconhecer fatos cientificamente comprovados com o objetivo de fugir de uma verdade desconfortável”. Desse modo, negar o conhecimento é retroceder na história, recusar-se a aceitar as evidências em relação a muitas conquistas já cristalizadas pela civilização é simplesmente “bizarro”.

É importante ressaltar que o negacionismo no Brasil não apresenta somente a questão da ciência; ele envolve questões históricas que já foram discutidas em muitos outros contextos, em diferentes etapas da história nacional, mas que perduram até os dias de hoje. A ditadura militar, o genocídio dos negros, o genocídio de indígenas, a escravidão, o racismo são questões discutidas no Brasil que geraram (e geram) inquietações e deixaram marcas profundas, justamente pela tentativa da negação desses episódios.

Sandra Caponi (2020), doutora em Filosofia e professora na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), ao discorrer sobre o negacionismo, faz a seguinte afirmação:

Particularmente, no que se refere à pandemia, esse negacionismo se traduz na aceitação de intervenções sem validação científica, como a divulgação e exaltação de uma terapêutica de eficácia não comprovada e com efeitos colaterais extremamente sérios como a cloroquina, ou a defesa de uma estratégia de intervenção que contraria a posição da Organização Mundial da Saúde [OMS] (CAPONI, p. 211).

A partir daí, junto ao negacionismo científico, emergiram muitas narrativas que circularam e ainda circulam nos aparelhos ideológicos, conforme definiu Louis Althusser (1987):

Designamos por aparelhos ideológicos de Estado certo número de realidades que se apresentam ao observador imediato sob a forma de instituições distintas e especializadas. [...] podemos desde já considerar como Aparelhos Ideológicos de Estado as instituições seguintes [...] o AIE religioso, o AIE escolar, o AIE familiar, o AIE jurídico, o AIE político, o AIE sindical, o AIE da informação (imprensa, rádio-televisão) e o AIE cultural (ALTHUSSER, p. 43-44).

Por se tratarem de aparelhos ideológicos midiáticos, os sites, blogs, webjornais, telejornais, vlogs e redes sociais oportunizaram a circulação de muitas notícias a respeito do assunto, o que possibilita refletir sobre algumas questões teóricas dentro da análise de discurso de linha francesa.

Assim, na constituição desse campo do conhecimento, a análise de discurso abre a possibilidade para análises em diferentes manifestações da linguagem (ORLANDI, 2005):

Perceber que não podemos não estar sujeitos à linguagem, e a seus equívocos, sua opacidade. Saber que não há neutralidade nem mesmo no uso mais aparentemente cotidiano dos signos. A entrada no simbólico é irremediável e permanente: estamos comprometidos com os sentidos e o político. Não temos como não interpretar (ORLANDI, 2005, p. 9).

Portanto, aplicar a teoria da análise de discurso nesta pesquisa possibilitará, em tese, uma “relação menos ingênua com a linguagem” (ORLANDI, 2005). É isso que se propõe apresentar nas análises do *corpus*, por meio dos conceitos sobre ideologia, condições de produção, relações de força, sentido, acontecimento bem como o silêncio e o silenciamento que são instituídos através de tais discursos negacionistas entre a classe de cientistas e a de trabalhadores da Saúde Pública do Brasil.

De todo modo, pode-se assegurar que essas chamadas teorias negacionistas, desde a sua primeira aparição na Segunda Guerra Mundial com a negação do Holocausto, nunca deixaram de existir. O que ocorre é que com o advento da pandemia da covid-19 elas retornaram e ganharam força, justamente pela onda crescente e alcance das mídias sociais que fazem circular tanto a notícia

quanto a *fake* notícia, conhecida como o movimento *fake news*. Conforme vemos no trabalho de Marques e Raimundo publicado em 2021:

Esse movimento cresceu significativamente com as especulações sobre a pandemia da Doença do Coronavírus 2019 – covid-19 (MARANHÃO; SENHORAS, 2020). Observou-se que o uso da mentira, como estratégia sistemática, teve como referência o presidente Jair Bolsonaro (RECUERO, 2021) que, através de lives em suas redes sociais, utilizou de modo ativo e militante a internet para fomentar o negacionismo científico e criar conspirações sobre a origem do coronavírus (CNNBRASIL, 2021), a cura da covid-19 (BARBOSA; ARREGUY; MAIA, 2021), a instauração do comunismo ou de uma nova ordem mundial (HERDY, 2020), a alterações genéticas (YAMAGUTI, 2020), introdução de microchips de espionagem através da vacina (DOMINGOS, 2021), movimento antivacina (DIAS, 2020), entre tantas outras que se propagaram amplamente pela população potencializando uma forma de pseudociência sobre a pandemia da covid-19 (MARQUES; RAIMUNDO, 2021, p. 3).

Assim, a negação da verdade comprovada, tem como base o questionamento da eficácia de situações históricas e científicas baseada no senso comum. Outros, baseados em informações parciais, distorcidas, especulações sem fontes de pesquisa, ambas com objetivo de comprometer o conhecimento, tornando-o ridicularizado. Dessa forma, é preciso reconhecer o tempo de estudo para a formação de um cientista. Descartar o longo período de estudo, leituras, pesquisas, artigos publicados, seria medíocre de nossa parte. Isso, não quer dizer que não possa ser questionado, mas é digno de reconhecimento e entendimento que no mínimo seu conhecimento relacionados a sua área de estudo e pesquisa está menos propício a erros.

SEÇÃO II - MÉTODO

2.1. Metodologia

Na perspectiva da análise de discurso, o primeiro aspecto a ser ressaltado é que a teoria trabalha com a linguagem e suas maneiras de significar-se no mundo “considerando a produção de sentidos”, conforme disse Orlandi (2005).

Partindo desse pressuposto, o objeto de seu estudo é o discurso e, para a exploração do mesmo, a AD vai se relacionar com a linguística, o marxismo e a psicanálise, pois se trata de um campo do saber que visa desconstruir ideias cristalizadas, sem a interferência, produzindo reflexão com capacidade de novas ressignificações.

Trata-se, obviamente, da tentativa, árdua e ao mesmo tempo promissora, de produzir conhecimento acerca do objeto estudado e trazer luz para algo que ainda “aparentemente” é obscuro, que “supostamente” não é compreendido/interpretado, mediante, portanto, da utilização de métodos e recursos, o que na AD chamamos de dispositivo e procedimentos de análise. De acordo com o filósofo Baruch Spinoza, “as coisas nos parecem absurdas, ou decididamente más, porque delas só temos um conhecimento parcial e estamos na completa ignorância da ordem e da coerência, da natureza como um todo” (SPINOZA, 1887, p. 295).

É importante lembrar aqui que a análise de discurso dos anos 60 da escola francesa para estabelecer uma análise ela apresenta seus próprios métodos e princípios e coloca a si mesma a tarefa de levar o analista “a compreendê-lo pela observação, quanto aos processos e mecanismos de constituição de sentidos e de sujeitos. Para tanto, lança mão da paráfrase e da metáfora como elementos que permitem um grau de operacionalização dos conceitos” (ORLANDI, 2005, p. 77). Partindo da compreensão, desses elementos a língua oferece lugar para a produção de novas interpretações. “E onde está a interpretação está a relação da língua com a história para significar” (ORLANDI, 2005, p. 78).

Dessa forma, o material para análise será coletado em sites de notícias que veicularam informações relacionadas à covid-19 e com teor de ideias relativas ao

negacionismo científico, durante o período de pandemia. Diante da grande escala de produções de notícias a respeito do assunto, houve a preocupação de selecionar e organizar o estudo de apenas três delas.

Assim, para o analista que trabalha com a teoria da AD na perspectiva francesa, o mesmo não se preocupa em produzir a verdade em suas análises, mas faz a tentativa de evidenciar a produção de sentidos a partir do deslocamento e do deslize percebidos nos discursos produzidos por sujeitos através da linguagem e que estão inseridos na/pela história. Embasaremos as análises nos apropriando do método teorizado por Eni Orlandi (2005), em seu livro *Princípios e Procedimentos*:

“Há uma passagem inicial fundamental que é a que se faz entre a superfície linguística (o material de linguagem coletado, tal como existe) e o objeto discursivo, este sendo definido pelo fato que o *corpus* já recebeu um primeiro tratamento de análise superficial, feito em uma primeira instância, pelo analista, e já se encontra de-superficializado [...] Justamente na análise do que chamamos materialidade linguística: o como se diz, o quem diz, em que circunstâncias etc. isto é naquilo que se mostra em sua sintaxe e enquanto processo de enunciação (em que o sujeito se marca no que diz), fornecendo-nos pistas para compreendermos o modo como o discurso que pesquisamos se contextualiza. Observamos isso em função de formações imaginárias” (ORLANDI, 2005, p. 65).

Assim, o que se preocupa nesta investigação é a imagem que se tem de um Presidente da República ao produzir discursos que deixam vestígios aparentemente do negacionismo científico. Pois, segundo a autora:

“Falamos a mesma língua, mas falamos diferente. Dizemos as mesmas palavras, mas elas podem significar diferente. As palavras remetem a discursos que derivam seus sentidos das formações discursivas, regiões do interdiscurso que, por sua vez, representam no discurso as formações ideológicas” (ORLANDI, 2005, p. 80).

Quanto aos procedimentos metodológicos para a análise desse material, eles serão elaborados mediante o dispositivo teórico a fim de tornar evidente que “não há uma verdade oculta atrás do texto, há gestos de interpretação que o constituem e que o analista, de posse do seu dispositivo, deve se mostrar capaz de compreender” (ORLANDI, 2005, p. 26).

A primeira notícia está no site *G1.com*, publicada em 14/5/2020, traz em sua abordagem como questão principal o *lockdown*: “**Bolsonaro fala em 'guerra' e pede**

que empresários joguem 'pesado' com Doria contra 'lockdown'". A segunda, publicada em 17/12/2020 pelo site *Correio Braziliense*, evidencia discussões sobre o uso de vacina contra a covid-19: **“Ô imbecil, eu já tive o vírus, para que tomar a vacina?”**. A terceira e última, publicada pelo site *CartaCapital* de 7/10/2021, traz uma afirmação categórica: **“Sou o único chefe de Estado do mundo a ser contra essa política’, diz Bolsonaro sobre isolamento social”**.

A pesquisa das notícias toma como base principalmente a teoria da análise de discurso. Fundamenta-se em autores como Michel Pêcheux, que fundou a escola francesa dedicada ao tema, Eni Puccinelli Orlandi, pioneira na área da análise de discurso no Brasil no final dos anos 70, Mikhail Bakhtin, pensador russo, com suas contribuições a respeito de gêneros discursivos, e Foucault, que buscou compreender o discurso partindo da premissa de que o mesmo é instrumento de poder: “[...] não há saber sem uma prática discursiva definida, e toda prática discursiva pode definir-se pelo saber que ela forma” (FOUCAULT, 2005a, p. 205). Assim, acredita-se que os recursos metodológicos aqui adotados, a priori, podem conduzir satisfatoriamente ao objetivo almejado.

2.2. Problema - recorte e hipóteses

Com base na revisão bibliográfica e seguindo os procedimentos da análise do discurso, a problematização desta pesquisa científica parte da premissa de que todo discurso produz efeitos de sentido.

O discurso é definido não como um transmissor de informação, mas como efeito de sentido entre locutores. Assim, se considera que o que se diz não resulta só da intenção de um indivíduo em informar outro, mas da relação de sentidos estabelecida por eles num contexto social histórico (ORLANDI, 2003, p. 63).

Portanto, ao se procurar compreender o discurso como uma prática social do indivíduo, se tem em vista a busca do entendimento da multiplicidade de suas manifestações. Sua constituição (língua, sujeito e história) permite a análise nos diversos campos em que são veiculados. E a manifestação dessa prática é definida por Bakhtin (2006) como “gêneros discursivos”, então, sites, blogs, webjornais,

cartas, memes, charges, entre outras formas de comunicação, são “tipos relativamente estáveis de enunciados”, apresentando em si “uma extrema heterogeneidade”, pois não há “plano único” para seu estudo:

[...] O conteúdo temático, o estilo, a construção composicional – estão indissolavelmente ligados no todo do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um determinado campo de comunicação. Evidentemente, cada enunciado particular é individual (BAKHTIN, 2006, p. 262).

É relevante citar as contribuições bakhtinianas a respeito dos gêneros discursivos, pois, como afirmado anteriormente, as interações sociais existem em diversas áreas. Dessa maneira, devem ser analisadas de acordo com sua esfera de atuação, com base em questões dialógicas e na interação verbal:

Todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas com a utilização da língua. [...] a utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes de uma ou de outra esfera da atividade humana. O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua – recursos lexicais, fraseológicos, e gramaticais – mas também, sobretudo, por sua construção composicional (BAKHTIN, 2006, p. 280).

Logo, no decorrer da elaboração desta pesquisa, o gênero discursivo jornalístico eleito para investigação será analisado somente em sua esfera política e em condições específicas, desde a data de publicação, veiculação e circulação bem como sua produção e efeitos de sentidos sobre o tema negacionismo científico.

Durante o processo de investigação algumas dificuldades foram encontradas, dentre as quais, delimitar o recorte de horizontes para a produção dos resultados se destaca. Lidar com essa dificuldade demanda tempo, esforço, foco e dedicação. Da mesma maneira, houve a preocupação de selecionar três notícias com temáticas que obtiveram grande destaque na mídia no período da pandemia da covid-19 (2020-2021), todas publicadas em sites de notícias e, igualmente, todas relacionadas ao negacionismo científico.

Com esse pressuposto, a hipótese da pesquisa é a de que o “discurso é efeito de sentidos entre locutores” (ORLANDI, 2003) e a condição de sua produção “inclui o contexto histórico-social, ideológico”.

O dizer não é propriedade particular. As palavras não são só nossas. Elas significam pela história e pela língua. O que é dito em outro lugar também significa nas “nossas” palavras. O sujeito diz, pensa que sabe o que diz, mas não tem acesso ou controle sobre o modo pelo qual os sentidos se constituem nele (ORLANDI, 2005, p. 32).

De outro modo, o discurso não é neutro, e a partir dos gêneros discursivos produzidos pelas mídias digitais e materializados no espaço virtual no período de 2020/2021 sobre a covid-19, temas como *lockdown*, utilização de vacinas, isolamento social apresentam no interior de seu discurso possibilidades de resposta para as seguintes questões: Quais as condições de produção das notícias que foram publicadas nesses sites eletrônicos? Quais as relações de força que instituem esses discursos? Como o acontecimento “pandemia” circula seus efeitos de sentidos entre os sujeitos/leitores? Como o silêncio e o silenciamento instituem e são instituídos entre a classe de cientistas e trabalhadores da linha de frente na Saúde Pública do Brasil?

2.3. Corpus e critérios de análise

Para a seleção do *corpus* de pesquisa, faz-se necessária uma cuidadosa escolha do material que permita ao pesquisador registrar apontamentos representativos para seu campo de estudo, trazendo confiabilidade para o leitor e a consequente validação da pesquisa. O pesquisador e seu objeto de estudo, concomitantemente, devem obedecer a critérios, a fim de que a investigação produza cientificidade. E, obviamente, neutralidade e objetividade são princípios básicos para fazer ciência.

O aporte teórico a ser considerado deve ser pertinente ao propósito da pesquisa, de forma que os materiais selecionados estabeleçam diálogos, evitando lacunas entre si.

Nesse viés, a partir daqui trataremos do *corpus* e de seus critérios de análise, segundo a teoria da escola francesa de análise de discurso criada por Michel Pêcheux na década de 60.

Segundo Orlandi, quando um pesquisador de discurso faz a tentativa de produzir suas análises “a constituição do *corpus* é um dos primeiros pontos a se considerar”. Assim:

A delimitação do *corpus* não segue critérios empíricos (positivistas), mas teóricos. Em geral distinguimos o *corpus* experimental e o do arquivo. Quanto à natureza da linguagem devemos dizer que a análise de discurso interessa-se por práticas discursivas de diferentes naturezas: imagem, som, letra etc.” (ORLANDI, 2005, p. 62).

Dessa forma, “não há discurso fechado em si mesmo, mas um processo discursivo do qual se podem recortar e analisar estados diferentes”, pois há uma relação desde o levantamento dos dados, construção dos dispositivos teóricos até a base de análise do *corpus*. Na ocasião de seu início, foram selecionadas três notícias veiculadas por sites eletrônicos do gênero jornalístico a partir da temática negacionismo científico, com o objetivo de evidenciar como esse discurso funciona produzindo seus efeitos de sentido.

Após a delimitação do *corpus*, é necessário distinguir discurso e texto:

O texto é a unidade que o analista tem diante de si e da qual ele parte. O que faz ele diante de um texto? Ele o remete imediatamente a um discurso que, por sua vez, se explicita em suas regularidades pela sua referência a uma ou outra formação discursiva que, por sua vez, ganha sentido porque deriva de um jogo definido pela formação ideológica dominante naquela conjuntura” (ORLANDI, 2005 p. 63).

A priori, para o objeto discursivo, a seleção seguiu critérios de relevância do assunto e também, obviamente, houve o cuidado relacionado às datas da publicação das notícias. De acordo com esse parâmetro, duas delas foram selecionadas seguindo a data de publicação (primeiro e segundo semestres de 2020), objetivando a evidência do primeiro ano de pandemia. Já a última e terceira, a partir do segundo semestre de 2021, após um ano e seis meses da eclosão da pandemia no Brasil, todas relacionadas ao negacionismo científico.

Em análise de discurso, após a seleção do objeto discursivo, iniciamos um processo discursivo no qual o analista parte do pressuposto de que seu objeto tem relação com outras formações ideológicas. E, nesse sentido, fará a tentativa de evidenciar, pois:

Considera-se que a melhor maneira de atender à questão da constituição do *corpus* é construir montagens discursivas que obedecem a critérios que decorrem de princípios teóricos da análise de discurso, face ao objetivo da análise, e que permitam chegar à sua compreensão [...] ... mostrar como um discurso funciona produzindo (efeitos de) sentidos (ORLANDI, 2005, p. 63).

A seguir, apresentaremos o *corpus* experimental e o de arquivo selecionado para a presente pesquisa. Diante de um arsenal de discursos sobre a pandemia da covid-19 no Brasil, pronunciados pelo presidente da República Jair Messias Bolsonaro de 2019 a 2021, nosso *corpus* de arquivo ficou assim organizado:

Figura 1. Notícia: Bolsonaro fala em “guerra” e pede que empresários joguem “pesado” com Doria contra “lockdown”



Fonte: g1.globo.com 14/5/2020.

O primeiro dado coletado está *no G1.com* de 14/5/2020, de autoria dos repórteres Guilherme Mazui e Ana Krüger. A notícia apresenta os personagens: presidente da República Jair Messias Bolsonaro e os ministros Walter Braga Netto (Casa Civil) e Paulo Guedes (Economia). A matéria retrata a cena de um pronunciamento presidencial durante uma conferência com empresários e industriais na cidade de São Paulo. O discurso e as consequentes ações em favor de medidas de isolamento social adotados por alguns governadores e prefeitos em meio à pandemia geraram inquietação no presidente da República, que a tornou pública em sua fala.

Mais adiante, na composição do *corpus*, encontra-se o segundo dado:

Figura 2: notícia: Bolsonaro: “ Ô imbecil, eu já tive o vírus, para que tomar a vacina?”



Fonte: correio braziliense.com 17/12;2020.

Coletado do jornal eletrônico *Correio Braziliense* [17/12/2020], traz em seu enunciado uma frase pinçada de um evento presidencial realizado na Bahia sobre o uso, ou não uso, de vacinas.

E a última e terceira notícia (da revista eletrônica semanal *CartaCapital* de 7/10/2021) aborda basicamente o isolamento social.

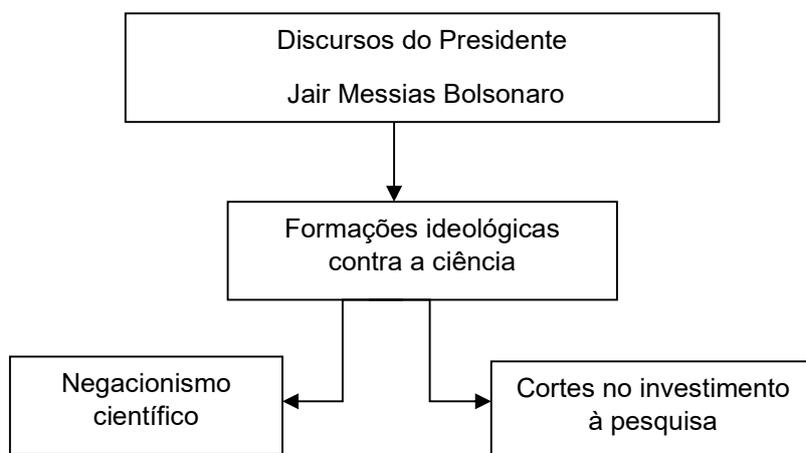
Figura 3 - notícia: “Sou o único chefe de Estado do mundo a ser contra essa política”, diz Bolsonaro sobre isolamento social



Fonte: cartacapital.com 7/10/2021.

Dessa forma, após relacionar nosso *corpus* de arquivo, o processo discursivo se configura a partir das seguintes formações ideológicas:

Figura 5. Formações ideológicas dos discursos presidenciais sobre a pandemia da covid-19 no Brasil



Fonte: Organizado por Castro (2022)

A figura anterior representa o primeiro gesto analítico, e constitui nosso *corpus* experimental.

Na sequência, de acordo com os critérios de análise segundo a teoria da AD (francesa), as análises das notícias da nossa investigação estarão instituídas em quatro bases, que serão trabalhadas com os seguintes dispositivos teóricos da AD:

Tabela 1. Critérios de análise

Bases de análise	Dispositivos teóricos
Como foi construído o discurso negacionista? Em quais condições de	Ideologia, condições de produção, acontecimento, sentido

produção?	
Como circulou o discurso negacionista?	Ideologia, condições de produção, sentido
Quais as relações de forças estão instituídas no discurso negacionista?	Relações de força, sujeito
Quem silenciou? Quem foi silenciado? Como ocorre a política de silenciamento?	Silêncio, relações de força, sujeito, sentido.

Fonte: Organizado por Castro (2022).

2.4. Objetivos: geral e específicos

O objetivo geral desta pesquisa é analisar a construção e a circulação e(m) sentidos do negacionismo científico no Brasil durante o período da pandemia da covid-19. A linguagem humana, embora suas origens remontem a um tempo bastante remoto da Antiguidade (estima-se algumas centenas de milhares de anos, talvez meio milhão), conserva, entretanto, ao longo dos séculos, indagações ainda não suficientemente respondidas.

E nenhuma outra forma de comunicação levada a efeito pela grande maioria das espécies que habitam a Terra pode ser, nem de longe, comparada à linguagem utilizada pelos seres humanos. “A linguagem em si é bastante difícil de definir, já que tem, por exemplo, expressões transitórias que não deixam rastros, nunca é inerte, muda com o tempo, é infinitamente flexível e quase globalmente presente” (BBC NEWS BRASIL, 2021).

Seja na modalidade escrita, oral, feita por sinais, assobios ou qualquer outra forma, ela apresenta, a toda hora, novas possibilidades e, por consequência, novos questionamentos.

Com isso, por óbvio, os estudos acerca da linguagem, suas características, seu poder de convencimento, sua capacidade de espalhar notícias e/ou presságios para o bem ou para o mal ainda constituem um campo demasiadamente aberto. E em múltiplos sentidos. “Há muitas maneiras de se estudar a linguagem [...] de significar e significar-se” (ORLANDI, 2005). Nessa perspectiva, a teoria da análise do discurso oferece um caminho de possibilidades.

As palavras, expressões, proposições etc. mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam, e isso quer dizer que elas adquirem seu sentido em referência a essas posições, isto é, em relação às formações ideológicas nas quais essas posições se inscrevem (PÊCHEUX, 1995, p. 160).

Segundo Pêcheux (1975), “não há discurso sem sujeito e não existe sujeito sem ideologia: o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e é assim que a língua faz sentido”. Portanto, a pesquisa em questão tem como objetivo analisar a construção e a circulação e(m) sentidos do negacionismo científico no Brasil durante o período da covid-19.

E para a produção do objetivo geral desta pesquisa, percorreremos o caminho delimitando nossos objetivos específicos, em analisar as ideologias presentes no negacionismo científico; evidenciar em quais condições elas são produzidas; ressaltar quais as relações de força que instituem o discurso negacionista científico; mostrar como o acontecimento “pandemia” circula seus efeitos de sentidos entre sujeitos e demonstrar como o silêncio e o silenciamento instituem e são instituídos entre a classe de cientistas e trabalhadores da linha de frente na saúde pública do Brasil.

Assim, delimitamos a mídia digital como objeto de pesquisa devido ao seu vasto campo de investigação. Sem falar da quantidade de produções acadêmicas em torno de tal temática que perpassam muitos campos do conhecimento. Logo, a mídia digital proporciona o estudo de gêneros discursivos, considerado dessa forma por Bakhtin (2011), pela perspectiva de diferentes vertentes.

Por essa razão, elegeu-se a ideia de explorar a produção do conhecimento com abordagem do gênero jornalístico à luz da teoria da análise de discurso.

SEÇÃO III - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1. Mídia digital, jornais e webjornais

Depois de se observar o fortalecimento e o crescimento da internet no final dos anos 80, sua chegada ao Brasil no início dos anos 90 na condição de uma rede de grande alcance internacional estabelece, sem dúvida, um marco decisivo da contemporaneidade. Com efeito, a rede mundial de computadores passou a se fazer mais presente, cada vez mais, em quase todos os lugares, estabelecendo conexões mundiais através de plataformas digitais abrangendo números consideráveis de usuários.

Sobre o acesso a tecnologias da informação e comunicação, a pesquisa TIC Domicílios 2019, vinculada ao Comitê Gestor da Internet no Brasil, revelou dados importantes, conforme mostra reportagem publicada em 26/5/2020 no site da Agência Brasil (agenciabrasil.ebc.com.br): “Três em cada quatro brasileiros acessam a internet, o que equivale a 134 milhões de pessoas” (BRASIL, 2020) e, impulsionados pelo momento que o Brasil está vivendo, os usuários consomem cada vez mais notícias:

A pandemia de covid-19 levou sete a cada dez pessoas a consumir notícias diariamente e a se manter atualizadas sobre os acontecimentos por meio da televisão. Para 65% dos 831 participantes do levantamento da Pesquisa Coronavírus, Comunicação e Informação, elaborada por docentes da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), outras fontes centrais de informação foram a versão online de jornais e os blogs. Os voluntários, oriundos de 24 estados e também de outros países, responderam questionário online entre os dias 12 e 19 de abril (BRASIL, 2020).

Observa-se que a mídia digital, por intermédio dos sites, blogs e vlogs, torna-se instrumento de informação diário para acompanhamento das notícias relacionadas à pandemia. A pesquisa ainda revelou:

Por meio dos resultados, observa-se que o que mais se privilegiou foram a atuação do governo federal (81,46%), a divulgação de descobertas científicas (73,89%) e o que se recomendava como medidas de prevenção contra a doença (72,32%). Outros tópicos que despertaram interesse foram a reação de outros países frente ao problema (65,7%), números relativos ao total de óbitos e casos confirmados da doença (59%), causas e sintomas de covid-19 (52,5%) e redes de solidariedade que se formaram com o objetivo

de prestar ajuda a pessoas que estivessem passando necessidades [51,3%] (BRASIL, 2020).

Com efeito, pode-se considerar que o governo federal foi o que mais se privilegiou da publicação de notícias relacionadas à pandemia e, em segundo lugar, as descobertas científicas. Logo, torna-se oportuna a investigação cruzada desses dois polos na dissertação.

Entrementes, é necessário fundamentar o conceito de mídia, que Bonini (2011) teoriza como “um elemento contextualizador no interior do qual o gênero circula”, rádios, TVs, sites, telejornais, blogs, redes sociais, entre outros. Nesse mesmo sentido, o *Dicionário Houaiss* registra que “mídia é o conjunto de meios de comunicação de massa (jornal, rádio, televisão etc.)”. De outro modo, a mídia digital (as chamadas novas mídias) é composta de objetos culturais que usam a tecnologia computacional digital para a distribuição e exposição (MANOVICH, 2005, p. 27).

A partir dessa constatação, Bonini (2011) cita a internet e os seus sistemas de arquivos eletrônicos (PDF, doc, PPT, figuras, gráficos, imagens, sons) para evidenciar que o campo cibernético proporciona grande veiculação de gêneros informativos e saberes de diferentes tipos de produção. Ratifica-se no conceito de Manovich (2001), para o qual “a mudança de toda a cultura para formas de produção, distribuição e comunicação é mediada por computador” (MANOVICH, 2001, p. 19).

Trazendo esses conceitos para a atualidade, no cenário provocado pela pandemia da covid-19 no Brasil, observam-se mudanças no comportamento social, muitos deles impulsionados pelas novas diretrizes para contenção e propagação do vírus Sars-CoV-2. Partindo desse pressuposto, a internet torna-se figura central no cotidiano dos brasileiros no período em que se intensifica a busca de informação, sobretudo, por sua rapidez e facilidades, em meios digitais.

Para começo de conversa quanto a discussões acerca de se levantar teorias sobre o papel desempenhado pelo jornal e webjornal no Brasil, é relevante se constituir um breve levantamento histórico a propósito do tema.

Os primeiros passos dos jornais no Brasil ocorreram por volta dos anos de 1800, com a chegada da corte portuguesa. Entretanto, naquele período, sua finalidade estava restrita à impressão de papéis diplomáticos, publicação de

registros acerca da legislação e veiculação de notícias referentes à vida na corte e ao seu cotidiano mais imediato. Assim, é instalada no Brasil a *Imprensa Régia*, que mais tarde ficou conhecida como a primeira editora brasileira, a qual, por sinal, editou o primeiro jornal do país, conhecido como *Gazeta do Rio de Janeiro* (JOCA, 2017).

Surge, em 13 de maio de 1808, oficialmente a imprensa brasileira e somente muito depois (no dia 9 de abril de 1891), foi fundado o *Jornal do Brasil*, pelo jornalista e político Rodolfo Epifânio de Sousa Dantas, periódico que de início teve o nome de *Jornal do Brazil* (grafia utilizada até 1893). Seu propósito oficial era defender a monarquia recentemente deposta, embora tivesse de agir de maneira discreta ante o regime republicano para não sofrer com a censura, tal como outros, e tinha ainda como foco a publicação de notícias de política, de artes e literatura da época (JOCA, 2017).

Nesse sentido, o pesquisador Jorge Pedro Sousa (2008), a respeito do início das atividades jornalísticas no Brasil, fez a seguinte afirmação, considerando os seus antecedentes históricos:

A gênese do jornalismo situa-se na Antiguidade Clássica, havendo uma retomada na Idade Moderna, graças ao Renascimento, ao desenvolvimento do espírito iluminista da Ilustração e à satisfação das necessárias condições técnicas (tipografia de Gutenberg, fábricas de papel...) e socioeconômicas (alfabetização, capital, iniciativa privada e empreendedorismo...) (SOUSA, 2008, p. 3).

Assim, em seu formato de meio de comunicação utilizado pela população humana há mais de 2 mil anos, a impressão do jornal e sua transposição para os meios informáticos impactaram diretamente a forma de se buscar a informação, trazendo consigo um novo meio de consumo, criando um ambiente efervescente de mudanças, inovações e adaptações.

Neste viés, a respeito do futuro da notícia transmitida por um jornal diário, Nilson Lage (apud FERRARI, 2004, p. 55) faz a seguinte afirmação:

Sua sobrevivência, aí, depende do grau de controle político e do desenvolvimento da mídia eletrônica, que é mais veloz, eficiente e não gasta papel. Mas a notícia escrita sobreviverá em veículos especializados, ainda que chegue ao consumidor por via eletrônica projetada em terminais de vídeo (FERRARI, 2004, p. 55).

E para essa sobrevivência, Sousa (2008), em seu artigo “Uma história breve do jornalismo no Ocidente”, sustenta:

Desde os anos 60 que alguns jornais tentaram disciplinar os conteúdos em função do design. Procuravam-se encontrar fórmulas gráficas: a) mais arejadas, com espaços brancos que permitissem o repouso do olhar; b) mais ordenadas, impedindo, por exemplo, que os textos começassem numa página e terminassem noutra não contígua; c) mais bonitas, que apelassem ao olhar cobiçoso do potencial comprador; 3) mais visuais, que favorecessem um design articulado em torno de (boas) fotografias e do aproveitamento informativo dos gêneros de informação gráfica (infográficos), que até então quase se limitavam aos mapas e que passaram a misturar texto, desenhos, esquemas, cronologias, fotografias etc. de maneira a informarem e explicarem de forma condensada um acontecimento ou uma problemática ao leitor; 4) mais coloridas, mas com conta, peso e medida (SOUSA, 2008 p. 208-209).

Observa-se que a transição jornalística para o formato digital ou o “pós-televisivo”, assim chamado pelo autor, evidencia alguns desdobramentos impulsionados pela evolução tecnológica. Nessa perspectiva, o webjornalismo (jornalismo online, sites de notícias) apresenta-se como objeto de estudo para investigação de pesquisadores, sobretudo, devido à nova forma de produção e veiculação da notícia. Um campo, portanto, de produção social.

De acordo com registros históricos, o webjornalismo teve início nos anos 1990 e representou uma nova forma de produção e distribuição de notícias. Autores norte-americanos preferem a expressão “jornalismo digital” ou “jornalismo online”, enquanto os espanhóis registram “jornalismo eletrônico” e autores brasileiros se identificam com a nomenclatura norte-americana.

Para a compreensão dessa prática e produção jornalística, Mielniczuk (2003), em sua tese de doutorado, afirma:

O webjornalismo, por sua vez, refere-se a uma parte específica da internet, que disponibiliza interfaces gráficas de uma forma bastante amigável. A internet envolve recursos e processos que são mais amplos do que a *web*, embora esta seja, para o público leigo, sinônimo de internet (MIELNICZUK, 2003, p. 26).

Canavilhas (2001), em sua teorização sobre a narrativa jornalística na *web*, sustenta que o termo webjornalismo está relacionado a seu suporte técnico: “Para designar o jornalismo desenvolvido para a televisão, utilizamos telejornalismo; no

caso do jornalismo desenvolvido para o rádio, o chamamos de radiojornalismo; e chamamos de jornalismo impresso aquele que é feito para os jornais impressos em papel”.

É importante identificar o território de circulação das notícias produzidas por meio dos webjornais, pois ele muda significativamente em relação ao modo tradicional, uma vez que não será mais impresso. Entretanto, tem se mostrado cada vez mais evidente que existe um espaço para essa veiculação, conhecido como ciberespaço, conforme descreve Lévy:

Eu defino o ciberespaço como o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores. Essa definição inclui o conjunto dos sistemas de comunicação eletrônicos (aí incluídos os conjuntos de redes hertzianas telefônicas clássicas), na medida em que transmitem informações provenientes de fontes digitais ou destinadas à digitalização. Insisto na codificação digital, pois ela condiciona o caráter plástico, fluido, calculável com precisão e tratável em tempo real, hipertextual, interativo e, resumindo, virtual da informação que é parecem e, a marca distintiva do ciberespaço. Esse novo meio tem a vocação de colocar em sinergia e interfacear todos os dispositivos de criação de informação, de gravação, de comunicação e de simulação (LÉVY, 1999, p. 93).

Identificado esse espaço de comunicação entre os estudos da mídia impressa e mídia digital, a teoria da análise do discurso enriquece ambos os campos por se relacionar, por meio de suas produções sociais e reprodução de sentidos, materializando-se em gêneros informativos que circulam em uma sociedade. Por esse viés, são percebidos como uma rede de discursos: reportagens, entrevistas, depoimentos, notas de esclarecimento, declarações, recados, charges, diálogos, textos, todos veiculados pela mídia.

3.2. Análise do discurso: apontamentos norteadores

A fim de situar o leitor, o presente estudo está ancorado em estudos teóricos do francês Pêcheux e da linguista brasileira Eni Orlandi.

Assim, os apontamentos realizados no texto serão apenas norteadores e introdutórios, focando contribuir na construção do caminho metodológico. Dessa

forma, os dispositivos teóricos serão amplamente discutidos em um momento posterior de nossa análise.

A escolha da teoria da análise do discurso de linha francesa se justifica diante do caminho de possibilidades que a disciplina proporciona. Vinculada ao marxismo, ela está voltada para o material linguístico com a preocupação de entender como os indivíduos se comunicam e, a partir daí, sem intervenção, busca identificar lacunas ou incongruências nesses discursos. Na sua condição de ciência autônoma, a análise do discurso nasce no final dos anos 60 na França e tem como figuras centrais o filósofo Pêcheux e o linguista Jean Dubois; os dois, mesmo com diferentes inquietações, apresentaram o mesmo objetivo: “a luta de classes, a história e o movimento social” (MUSSALIM, 2001, p. 114):

É, pois, sob o horizonte comum do marxismo e de um momento de crescimento da Linguística – que se encontra em franco desenvolvimento e ocupa o lugar da ciência piloto que nasce o projeto da análise do discurso (doravante AD). O projeto da AD se inscreve num objetivo político, e a linguística oferece meios para abordar a política (MUSSALIM, 2001, p. 114).

No ponto em que a AD se encontra, o discurso apresenta-se como objeto de estudo. E Pêcheux (2011), em seus estudos, assim fundamenta a teoria:

A análise do discurso não pretende se instituir em especialista da interpretação, dominando ‘o’ sentido dos textos, mas somente construir procedimentos expondo o olhar-leitor a níveis opacos à ação estratégica de um sujeito, tais como a relação discursiva entre sintaxe e léxico no regime dos enunciados, com o efeito do interdiscurso induzido nesse regime, sob a forma do não dito que aí emerge, como discurso outro, discurso de outro ou discurso do Outro (PÊCHEUX, 2011, p. 291).

Dessa forma, a análise do discurso entende que a linguagem não é transparente, há sempre novas ressignificações e possibilidades, pois considera a opacidade significativa. Logo, a AD trabalha com o sujeito produzindo sentidos e é importante para todos os setores em que a linguagem se faz presente.

De acordo com a teoria, ao se dar visibilidade ao sujeito e aos sentidos, podemos considerar o rompimento do processo de dominação e conhecer novas produções discursivas, pois os sentidos podem se deslocar ou se ressignificar conforme a época, o contexto imediato ou o período histórico-social e ideológico no

qual está inserido. Portanto, como campo de pesquisa, busca compreender a produção social de sentidos.

De acordo com Orlandi:

[Ela trabalha] na confluência desses campos de conhecimento, irrompe em suas fronteiras e produz um novo recorte de disciplinas, constituindo um novo objeto que vai afetar essas formas de conhecimento em seu conjunto: este novo objeto é o discurso (ORLANDI, 2005, p. 20).

Neste viés, a AD, a partir dessas filiações teóricas, vai extrair saberes a fim de se constituir:

Com a linguística ficamos sabendo que a língua não é transparente; ela tem sua ordem marcada por sua materialidade que lhe é própria. Com o marxismo ficamos sabendo que a história tem sua materialidade: o homem faz a história, mas ela não lhe é transparente. Finalmente, com a psicanálise é o sujeito que se coloca como tendo sua opacidade? Ele não é transparente nem para si mesmo. São, pois, essas diferentes formas de materialidade – de não transparência – que vão constituir o cerne do conhecimento de cada um desses campos de saber (ORLANDI, 2015, p. 15).

Para a análise de discurso, é por intermédio desse aporte teórico que interpretar implica se posicionar:

A análise do discurso não procura o sentido “verdadeiro”, mas o real sentido em sua materialidade linguística e histórica. A ideologia não apreende o inconsciente e não se controla com o saber. A própria língua funciona ideologicamente, tendo em sua materialidade esse jogo (ORLANDI, 2009, p. 59).

É diante de tal materialidade que se assenta a escolha do método de análise para esta pesquisa. Com efeito, o discurso aparece na sociedade por intermédio do sujeito que está constantemente interagindo por meio da linguagem. Desse modo:

Diremos que não se trata de transmissão de informação apenas, pois, no funcionamento da linguagem, que põe em relação sujeitos e sentidos afetados pela língua e pela história, temos um complexo processo de constituição desses sujeitos e produção de sentidos, e não meramente transmissão de informação. São processos de identificação do sujeito, de argumentação, de subjetivação, de construção da realidade (ORLANDI, 2015a, p. 19).

Atendendo ao propósito de rompimento com questões formais da língua, a partir dos estudos de Pêcheux, a linguagem passa a ser pensada em uma

perspectiva diferente, incluindo, assim, o histórico-social. Ou seja, a língua é analisada em sua prática com seu respectivo valor e produção de sentido em cada situação vivenciada:

As palavras, expressões, proposições etc. mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam, o que quer dizer que elas adquirem seu sentido em referência a essas posições, isto é, em relação às formações ideológicas nas quais essas posições se inscrevem (PÊCHEUX, 1995, p. 160).

Nesse sentido, o sujeito, para a análise do discurso, em sua prática discursiva, é pluralidade e não unidade, ou seja, conforme Pêcheux (1975), “é interpelado pela ideologia”, pois o discurso não é homogêneo:

Não é jamais um objeto primeiro ou empírico. É o lugar teórico no qual se imbricam, literalmente, todas as grandes questões sobre a língua, a história, o sujeito. A originalidade da aventura teórica do discurso prende-se ao fato de que ela se desenvolve no duplo plano do pensamento teórico e do dispositivo da análise do discurso, que é seu instrumento (MALDIDIER, 2003, p. 15-16).

Assim, o discurso apresenta-se, em seu funcionamento, pela relação de um para o outro considerando os elementos que o constituem, pois nenhum deles produz sentido em si mesmo.

Outra figura que trouxe grande contribuição para a análise do discurso de linha francesa foi Michel Foucault, filósofo e crítico literário graduado em Psicologia, História e Filosofia. De fato, em seus estudos, ele, muitas vezes, busca compreender o discurso partindo da premissa de que o mesmo é instrumento de poder e se desdobra em outros significantes, pois “[...] não há saber sem uma prática discursiva definida e toda prática discursiva pode se definir pelo saber que ela forma” (FOUCAULT, 2005a, p. 205).

Por essa razão, o método foucaultiano permite analisar as relações em que os discursos inscritos na sociedade vão se constituindo na medida em que ocorrem suas relações externas ou internas, método apresentado em seu livro *A Arqueologia do Saber* (1969).

Havia um tempo em que a arqueologia, como disciplina dos monumentos mudos, dos rastros inertes, dos objetos sem contexto e das coisas deixadas pelo passado, se voltava para a história e só

tomava sentido pelo restabelecimento de um discurso histórico; que poderíamos dizer, jogando um pouco com as palavras, que a história, em nossos dias, se volta para a arqueologia – para a descrição intrínseca do monumento (FOUCAULT, 1987, p. 8).

Nessa perspectiva, há a tentativa de desvendar o discurso considerando aspectos como o tempo, a história e o espaço. Com efeito, afirma o autor:

[O conceito de discurso] se faz no conjunto de enunciados, na medida em que se apoiem na formação discursiva; [...] é constituído de um número limitado de enunciados para os quais podemos definir um conjunto de condições de existência. [...] É, de parte a parte, histórico – fragmento de história, unidade e descontinuidade na própria história, que coloca o problema de seus próprios limites, de seus cortes, de suas transformações, dos modos específicos de sua temporalidade [...] (FOUCAULT, 1987, p. 132).

Portanto, para o autor, as práticas sociais instauram relações de poder e, assim, nem tudo aquilo que é dito pela mídia digital ou os sites de notícias é regulado por uma ordem do discurso.

Para localizar esta investigação, são apresentados a seguir alguns dispositivos teóricos norteadores da análise de discurso francesa, que também balizarão as análises.

3.2.1. Ideologia

Um aspecto relevante, sobre o conceito de ideologia, é que de uma maneira geral dentro das Ciências Sociais, ideologia é extremamente importante para a compreensão de fatos, historicamente falando. Pelo senso comum, configura-se por “conjunto de ideias”, e utilizada muitas vezes erroneamente pela sociedade. E não como uma prática social existente.

Tomemos, neste momento, a conceituação do termo por Karl Marx, filósofo revolucionário, que discutiu amplamente este termo. Filho de judeus, Marx nasceu em 1818, na Alemanha e teve grande influencia de seu amigo filósofo Friedrich Hegel. Fez grandes contribuições na área das ciências humanas e uma de suas

críticas que são pertinentes até hoje, sobre o fato de que as condições econômicas e a luta de classes são fatores que transformam uma sociedade.

Nesse sentido, o marxismo vai chegar ao conceito de ideologia, em vias gerais de conjuntos de ideias dominantes partindo de classes dominantes (burguesia); ocultação de relações de poder e; conseqüentemente a noção invertida da verdade (distanciamento da verdade a partir das relações de poderes dominantes). Assim, Marx concebe a práxis, fazendo alusão da teoria-prática a fim de produzir conhecimento.

O homem por sua própria ação, medeia, regula, e controla seu metabolismo com a natureza. Esse se confronta com a matéria natural como uma potência natural. A fim de se apropriar de uma matéria natural de uma forma útil para sua própria vida, ele põe em movimento as forças naturais pertencentes a sua corporeidade: seus braços e suas pernas, cabeças e mãos. Agindo sobre a natureza externa e modificando-a por meio desse movimento, ele modifica ao mesmo tempo sua própria natureza (MARX, 2013, p. 155).

Dessa forma, a classe dominante (burguesia) e a dominada (proletariado), na visão de Marx, deveriam ter as mesmas oportunidades. Seguindo essa visão ideológica conforme já observado, desde 2019, através do acontecimento da pandemia da covid-19 no Brasil, os sites jornalísticos têm exercido papel de extrema relevância no quesito informação sobre o assunto, ora instruindo, ora alertando, ora debatendo e/ou polemizando; então, a notícia traz à sociedade a informação. Desse modo, empreender esforços na construção desse percurso teórico torna-se essencial para aprofundarmos nesta questão.

Agora, sob a perspectiva de Mikhail Bakhtin, a notícia está classificada como um gênero do discurso, nesse caso, escrito. “E qualquer enunciação se realiza de acordo com as características típicas de seu gênero”. Constitui-se, portanto, objeto de estudo, com grande capacidade de produção de conhecimento, pois:

Cumprir salientar de um modo especial a heterogeneidade dos gêneros do discurso (orais e escritos), que incluem indiferentemente: a curta réplica do diálogo cotidiano (com a diversidade que este pode apresentar conforme os temas; as situações e a composição de seus protagonistas); o relato familiar; a carta (com suas variadas formas); a ordem militar padronizada em sua forma lacônica e em sua forma de ordem circunstanciada; o repertório bastante diversificado dos documentos oficiais (em sua maioria, padronizados); o universo das declarações públicas [num sentido amplo, as sociais, as políticas] (BAKHTIN, 1997, p. 280).

Ideologicamente falando, conforme o pensamento de Bakhtin, a linguagem é lugar de conflito, de diversidade, em que a identidade é construída a partir do dialogismo, justamente pelo seu caráter ideológico e de signo/material. Nesse sentido, a diversidade da linguagem se constrói a partir da relação com o outro e diante da pluralidade cultural:

Não há razão para minimizar a extrema heterogeneidade dos gêneros do discurso e a conseqüente dificuldade quando se trata de definir o caráter genérico do enunciado. Importa, nesse ponto, levar em consideração a diferença essencial existente entre o gênero de discurso *primário* (simples) e o gênero de discurso *secundário* (complexo). Os gêneros secundários do discurso – o romance, o teatro, o discurso científico, o discurso ideológico etc. – aparecem em circunstâncias de uma comunicação cultural, mais complexa e relativamente mais evoluída, principalmente escrita: artística, científica, sociopolítica (BAKHTIN, 1997, p. 281).

Então, pode-se afirmar que o discurso ideológico materializa-se por meio dos recursos linguísticos e discursivos em notícias publicadas em sites jornalísticos, produzindo efeitos de sentido, uma vez que os webjornais são veículos de comunicação que alcançam grande número de pessoas mobilizando, simultaneamente, tanto atores pró como contra as ideias difundidas pelo emissor; e, na maioria das vezes, assimiladas logo, com prazer, por uns e duramente rejeitadas por outros, de acordo com as ideologias/crenças de cada grupo. Assim, “o discurso se molda sempre à forma do enunciado que pertence a um sujeito falante e não pode existir fora dessa forma” (BAKHTIN, 1997, p. 293).

Em análise de discurso de linha francesa, segundo Orlandi (2015), a linguagem é considerada como uma prática:

[...] não no sentido de efetuar atos, mas porque pratica sentidos, intervém no real. Essa é a maneira mais forte de compreender a práxis simbólica. O sentido é história. O sujeito do discurso se faz (se significa) na/pela história. Assim, podemos compreender também que as palavras não estão ligadas às coisas diretamente, nem são o reflexo de uma evidência. É a ideologia que torna possível a relação palavra/coisa. Para isso têm-se as condições de base, que é a língua, e o processo que é discursivo, onde a ideologia torna possível a relação entre o pensamento, à linguagem e o mundo. Ou em outras palavras, reúne sujeito e sentido. Desse modo o sujeito se constitui e o mundo se significa. Pela ideologia (ORLANDI, 2015, p. 95-96).

Conforme essa teoria (AD francesa), a ideologia perpassa o processo discursivo, fazendo sentido tornando a linguagem materialidade histórica e

simbólica, em que o sujeito do discurso se significa. Assim, a autora vai afirmar adiante que, “o sujeito se constitui por uma interpelação – que se dá ideologicamente pela sua inscrição em uma forma discursiva” (ORLANDI, 2005). E esse aspecto ocorre à medida que a linguagem é significada ou ressignificada.

Nesse viés, de acordo com Orlandi (2005), [...] “não há sentido sem interpretação, atesta-se, sempre, a presença da ideologia. Não há sentido sem interpretação e, além disso, diante de qualquer objeto simbólico o homem é levado a interpretar, colocando-se diante da questão: o que isso quer dizer?”. Ademais, nesse exercício, o sujeito é atravessado por múltiplas vozes remontando a conceitos já ouvidos, outros saberes.

De outro modo, Althusser, ao discorrer sobre os AIE (Aparelhos Ideológicos de Estado), dos quais a imprensa, o rádio e a televisão fazem parte, afirma:

[Esses meios] funcionam de maneira massivamente prevalente pela ideologia; o que unifica a sua diversidade é precisamente este funcionamento, na medida em que a ideologia pela qual funcionam é sempre unificada apesar das suas contradições e da sua diversidade, na ideologia dominante, que é da classe dominante (ALTHUSSER, 1969, p. 48).

Como conceito central da teoria althusseriana, a ideologia constitui o sujeito estabelecendo conexões em relação à subjetividade na luta de classes. Logo, “ideologia é a representação da relação imaginária dos indivíduos com suas condições reais de existência” (ALTHUSSER, 1969). Assim, nessa visão, todos os indivíduos são sujeitos ideológicos e “recrutados pela ideologia através da interpelação”. Dessa forma, para melhor compreensão, citam-se exemplos: quando o aluno é interpelado por um professor, há o reconhecimento de indivíduo para sujeito em que, cada um por seu lado, se sente um sujeito específico: aluno versus professor; quando o filho é interpelado pelo pai e se reconhece no interior de uma situação subordinada hierárquica: pai versus filho; ou quando um leitor se reconhece na leitura de uma notícia em webjornal, por exemplo, percebe que há reconhecimento de sujeito específico daquele tipo de ação que pressupõe afirmar que é um sujeito alfabetizado com acesso a tal plataforma e que é instruído o suficiente para acessar o conteúdo em questão.

Nesse sentido, Pêcheux (2000) acrescenta sobre a noção de ideologia:

Naquilo que concerne à ideologia, corresponde ao fato de que os aparelhos ideológicos do Estado são, por sua própria natureza, plurais. Eles não formam um bloco ou uma lista homogênea, mas existem dentro de relações de contradição desigualdade-subordinação, de modo que suas propriedades regionais (sua especialização... nos domínios da religião, do conhecimento, da moral, do direito, da política etc.) acabam contribuindo desigualmente para o desenvolvimento da luta ideológica entre as duas classes antagonistas; assim, intervêm desigualmente na reprodução ou na transformação das condições de produção (PÊCHEUX, 2000, p. 9).

No contexto de um trabalho sobre discurso político (1978), o autor discute a questão das fronteiras maleáveis da formação discurso, com a finalidade de evidenciar o controle e a dominância por intermédio dos poderes ideológicos. Nesse sentido, torna-se possível refletir a ideologia partir dos discursos presidenciais coletados para a investigação, partindo do princípio de que “a ideologia se manifesta na língua” (ORLANDI, 2005 p. 16).

Observando essa relação língua e ideologia, nota-se a produção de sentido teorizada pela análise de discurso francesa. A posição ideológica, ocupada pela figura do presidente da República, por si já emite efeito de sentido. Assim, quando as palavras são ditas por figuras que ocupam diferentes posições ideológicas, elas mudam de sentido, pois o processo histórico-social desses dizeres é produzido em condições diferentes. Assim, segundo Pêcheux (2009/1975) “é a ideologia que fornece as evidências pelas quais todo mundo sabe que é um soldado, um operário, um patrão, uma fábrica, uma greve etc.”.

Posto isso, pode-se enxergar as evidências proporcionadas pela ideologia a partir da seguinte visão:

- Jair Messias Bolsonaro (PSL) – presidente da República do Brasil.
- Messias (nome do meio do presidente – e sinônimo de: redentor, cristo, líder) – e, em alusão ao termo, seus apoiadores que o definem como “O Mito”.
- Bolsomito – o incorruptível.
- Bolsonaro – o politicamente incorreto.

Portanto, a leitura das sentenças referidas parte da premissa de cada leitor: ora compreenderá a notícia de um modo, ora de outra, decorrente de sua posição

ideológica, dada a sua condição de produção produzindo sentido através de sua interpretação.

No entanto, cabe aqui afirmar que o sujeito Jair Messias Bolsonaro, por meio de seus discursos sobre a covid-19 relacionados ao negacionismo da ciência, está diretamente afetado por ideologias.

Na conclusão deste bloco, é ainda importante ressaltar o trabalho da ideologia, campo em que se destaca o pensamento de Orlandi (2005), por exemplo, quando afirma: "... o ato de produzir evidências coloca o homem na relação imaginária com suas condições materiais de existência".

3.2.2. Condições de produção

A circulação de notícias sobre o negacionismo científico no Brasil, durante a pandemia de covid-19, fez proliferar inúmeras teorias sobre o assunto (a vacina não tem eficácia, a vacina produz o vírus da Aids, a vacina causa câncer, a vacina traz infertilidade, o vírus não existe etc.). A construção do sentido para cada uma delas ressaltou períodos históricos, ideológicos e políticos, dadas as circunstâncias em que foram projetadas. E assim, como em uma produção industrial é necessário que haja meios de produção que façam sentido e tenham continuidade, na produção de sentido precisamos de certas condições para que haja o processo da interpretação e dos desdobramentos que isso trará. Por consequência, na teoria da análise do discurso, a interpretação das produções discursivas:

São os efeitos de sentido que são produzidos em condições determinadas e que estão de alguma forma presentes no modo como se diz, deixando vestígios que o analista de discurso tem de apreender: o que é dito ali, mas também em outros lugares, assim como com o que não é dito e o que poderia ser dito e não foi (ORLANDI, 2005, p. 30).

Assim, questões como "quem diz", "quando disse", "de onde se disse", "em qual período o dizer está inserido", "qual a posição do sujeito que disse" são circunstâncias da enunciação que em sentido estrito remetem ao contexto imediato (ORLANDI, 2005). Logo, para a análise de um discurso, é preciso haver a compreensão das condições de produção que contribuem para a elaboração do sentido. "Por isso, a análise do discurso se propõe construir escutas que permitam

levar em conta esses efeitos e explicitar a relação com esse “saber” que não se aprende não se ensina, mas que produz efeitos” (ORLANDI, 2005 p. 34). Assim, a autora trabalha condições de produção a partir da compreensão dos sujeitos, da memória (interdiscurso) que faz parte da produção do discurso e da situação considerando que:

As condições de produção em sentido estrito e temos as circunstâncias da enunciação: é o contexto imediato. E se as considerarmos em sentido amplo, as condições de produção incluem o contexto sócio-histórico, ideológico (ORLANDI, 2005 p. 30).

Nessa dinâmica, o contexto imediato, por assim dizer, são os webjornais que proporcionaram a divulgação das notícias, e o seu contexto amplo, a sociedade e as formas como suas esferas políticas estão organizadas: Ministério da Saúde, Poder Executivo, Organização Mundial da Saúde (OMS), classe científica, trabalhadores da Saúde Pública, entre outras, que se organizam a fim de estabelecer padrões de subordinação.

Nessa perspectiva, o discurso relacionado ao negacionismo científico permeia ações de tomada de posição de ordem política, bem como envolve ações e valores sociais, culturais, religiosos, muitos deles sustentados com argumentos infundados; dadas as circunstâncias de sua enunciação, é emitida a produção de sentido. Portanto, a circulação do negacionismo científico traz “em sua materialidade os efeitos que atingem esses sujeitos apesar de suas vontades” (ORLANDI, 2005). Logo:

O dizer não é propriedade particular. As palavras não são só nossas. Elas significam pela história e pela língua. O que é dito em outro lugar também significa nas nossas palavras. O sujeito diz, pensa que sabe o que diz, mas não tem acesso e controle sobre o modo pelo qual os sentidos se constituem nele (ORLANDI, 2005 p. 32)

Partindo dessa ideia, Eni Orlandi vai introduzir a questão de interdiscurso no sentido de memória discursiva, que possibilita dizeres:

Este é definido como aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente. Ou seja, que chamamos de memória discursiva: o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra. O interdiscurso possibilita dizeres que afetam o modo

como o sujeito significa em uma situação discursiva dada (ORLANDI, 2015 p. 31).

Quando analisamos, por exemplo, tudo aquilo que já foi dito sobre negacionismo, ciência, história e também todos os dizeres políticos, técnicos que significaram em diferentes períodos, o sentido da política negacionista científica estará sempre de algum modo também significando ali. Desse modo, todos os sentidos já ditos, em um dado momento, através ou por alguém, independente da ocasião ou lugar, perto ou longe vai sempre significar neste período (pandemia da covid-19). Assim as condições de produção vai sempre proporcionar novos sentidos, quando no viés da AD, colocadas com outras situações anteriormente dadas.

Pêcheux (1969), figura principal da análise do discurso de linha francesa, defende a teoria de que o sujeito em si não é produtor de sentido. E isso pressupõe dizer que “o ato de falar (dizer) está, pois, ligado a suas condições de produção”. Logo, para o autor, a linguagem deve ser analisada em relação a sua exterioridade. Nessa perspectiva discursiva, o sujeito abarca historicidade, ideologia, condições de produção sempre que se utiliza da linguagem como meio de produção de conhecimento.

De todo modo, sabe-se que a ocorrência da covid-19 colocou desafios e proporcionou avanços para a ciência no Brasil e no mundo. Desde os primeiros estudos, o que se viu, no início e nos períodos de recidivas da pandemia – a exemplo dos finais de ano de 2020 e 2021 –, foi o empreendimento de tentativas como: reduzir a ocupação de leitos de UTI; enfrentar o desgaste de profissionais na linha de frente da saúde; buscar a redução no índice de óbitos, internações, filas em hospitais. Afinal, se trata das medidas mais sensatas, além da vacinação, como afirma o epidemiologista Naomar de Almeida Filho (2020):

As estratégias chamadas de mitigação, sem distanciamento social generalizado, não serão eficazes para reduzir o impacto da pandemia. Para achatar a curva epidêmica, será preciso recorrer a estratégias chamadas de supressão. E isso quer dizer: drástica redução do contato social (ALMEIDA FILHO; DIAS; MARTINS, 2020, p. 3).

No entanto, mesmo percorrendo um caminho histórico-social, o discurso científico, em si, foi deslocado para a sua construção de sentido. Dito de outro modo,

o discurso anticientífico surge como pressuposto para invalidar toda a produção de conhecimento sobre o vírus Sars-CoV-2.

De outro lado, de acordo com Foucault (2013), ao se introduzir a abertura a novas possibilidades, as práticas discursivas se instauram nas práticas sociais do indivíduo. Assim:

A produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade (FOUCAULT, 2013, p. 9).

Nessa reflexão, as condições nas quais são produzidos os discursos remetem a situações nas quais se encontram a posição social do sujeito e o lugar de fala desse sujeito, entre outros aspectos. Presume-se, pois, que as condições de produção para o autor estão vinculadas a uma determinada situação na qual surgem questões como onde, quando, em qual situação, quem interfere diretamente na produção de um discurso. Ou seja, o sujeito, ao construir a sua fala, pensa estar livre consciente e neutro em suas opiniões, mas está “controlado” ideologicamente por procedimentos, que podem ser de ordem política, religiosa, cultural, social, histórica, entre outros aspectos.

Do ponto de vista discursivo, há uma relação entre o já-dito e o que se diz, assim:

Courtine (1984) explicita essa diferença considerando a constituição - o que estamos chamando de interdiscurso - representada como um eixo vertical onde teríamos todos os dizeres já ditos - e esquecidos - em uma estratificação de enunciados que, em seu conjunto, representa o dizível. E teríamos o eixo horizontal - o intradiscurso - que seria o eixo da formulação, isto é, aquilo que estamos dizendo naquele momento dado, em condições dadas (ORLANDI, 2015, p. 33).

Assim, quando um sujeito produz um discurso, por exemplo, “não vou tomar nenhuma vacina anti-covid-19”, é preciso, nesse momento, segundo a teoria da AD, refletir alguns questionamentos a fim de produzir gesto de interpretação. Logo, a partir do intradiscurso, que foi dito naquele momento, é possível compreender a constituição desse discurso, quais dizeres estão presentes nesse discurso (já dito). Partindo do princípio do cenário vivido pelo Brasil, ninguém fala “do nada” que é contrário à vacinação para prevenir uma doença que acarretou milhões de vítimas.

Logo, podemos estabelecer na presente pesquisa o interdiscurso no texto o negacionismo científico: circulação e(m) sentidos, significando que através de sua historicidade e sua produção de dizeres ao longo da história produz “uma voz sem nome”. Considera-se a partir desse texto o intradiscurso a sua formulação, o que dizemos neste exato momento na situação atual.

Segundo Orlandi (2015), a constituição deste discurso:

Determina a formulação, pois só podemos dizer (formular) se nos colocamos na perspectiva do dizível (interdiscurso, memória). Todo dizer, na realidade, se encontra na confluência dos dois eixos: o da memória (constituição) e o da atualidade (formulação). E é desse jogo que tiram seus sentidos (ORLANDI, 2015 p. 33).

Esses eixos mencionados pela autora corroboram a produção de sentidos e o discurso constituído na/pela memória permite suscitar as condições de produção de um discurso. No entanto, seguindo o mesmo exemplo citado anteriormente sobre o discurso da “não vacinação”, percebe-se gesto de leitura de um sujeito negacionista, sujeito antivacina, sujeito sem conhecimento técnico-científico, a partir da consideração de aspectos em sua constituição histórico-social ideológica.

Portanto, para que o estudo da temática em questão faça sentido de acordo com os estudos da AD francesa, as condições de produção são significadas em sua inscrição pela relação de sua historicidade quanto por seu acontecimento histórico. No entanto, para compreendermos os efeitos de sentido ocasionado pela circulação do negacionismo científico no período da covid-19 no Brasil, é necessário analisar os sentidos que constituem esses discursos.

3.2.3. Relações de força

Com a proliferação dos discursos negacionistas através da mídia digital, é possível perceber na sociedade posicionamentos frente a esses discursos, tornando extremamente relevante esse acontecimento histórico e social (a pandemia). Por essa razão, busca-se a compreensão das relações de força que constituem os discursos científicos e os discursos anticientíficos. De acordo com a visão de Orlandi (2005), partindo-se desse fator constitutivo, as relações de força são:

O lugar a partir do qual fala o sujeito é constitutivo do que ele diz. Assim, se o sujeito fala a partir do lugar de professor, suas palavras significam de modo diferente do que se falasse do lugar do aluno [...] como nossa sociedade é constituída por relações hierarquizadas, são relações de força, sustentadas no poder desses diferentes lugares, que se fazem valer na “comunicação”. A fala do professor vale (significa) mais do que a do aluno (ORLANDI, 2005. p. 38-39).

Assim, as relações de força que instituem esses discursos significam o lugar de fala desses sujeitos, então, quando o sujeito fala a partir do lugar de cientista, suas palavras significam diferentemente do que se falasse a partir do lugar de leitor de uma notícia. Nessa “relação discursiva, são as imagens que constituem as diferentes posições” em relação ao seu contexto sócio-histórico e à memória [o saber discursivo, o já dito] (ORLANDI, 2005, p. 40).

Ao se observar as dificuldades enfrentadas a partir do surgimento desses discursos, no período da covid-19, é preciso salientar que não importa o conteúdo nem a forma como os webjornais noticiaram fatos/coisas no que tange ao negacionismo científico, mas a posição que eles ocupam ao significar esses dizeres. Dito de outro modo, o discurso produzido a partir do lugar de presidente da República tem um significado bastante diferente do que se o indivíduo falasse a partir do lugar de eleitor, devido à relação hierárquica existente. “É assim que as condições de produção estão presentes nos processos de identificação dos sujeitos trabalhados nos discursos” (ORLANDI, 2005, p. 41).

Outro aspecto teorizado pela autora diz respeito às formações imaginárias, que “são todos os mecanismos de funcionamento desse discurso”, logo, o que funciona para a análise do discurso não é a forma com a qual os sujeitos estão inscritos na sociedade, mas sim a “imagem que resulta de suas projeções”. Assim, um médico, um professor, um cientista resultam essas imagens a partir de sua formação e titulação que receberam perante a sociedade. Ou seja, um cientista não recebe essa imagem, sem antes ter galgado uma jornada longa acadêmica.

A fim de contribuir para este estudo, fazendo uma breve reflexão acerca dos conceitos formulados por Foucault (2008) em seu livro *Arqueologia do Saber*, é interessante notar que o autor, naquele momento, percebe um contexto de regularização de condutas o qual perpassa poderes em que o poder dominante prevalece e atravessa a história em detrimento de outros. Assim, o autor procura

investigar como o poder dominante marca positivamente o sujeito e prevalece como verdadeiro. De acordo com a teoria foucaultiana, a noção de descontinuidade torna-se elemento possível numa leitura histórica, em que todas as lutas e as relações de força culminam numa relação de poder. Assim, o conhecimento se dá nessa imbricação:

(...) uma análise causal, em compensação, consistiria em procurar saber até que ponto as mudanças políticas, ou os processos econômicos, puderam determinar a consciência dos homens de ciência o horizonte e a direção de seu interesse, seu sistema de valores, sua maneira de perceber as coisas, o estilo de sua racionalidade: assim, em época em que o capitalismo industrial começava a recensear suas necessidades de mão de obra, a doença tomou uma dimensão social: a manutenção da saúde, a cura, a assistência aos doentes pobres, a pesquisa das causas e dos focos patogênicos, tudo isso se tornou um encargo coletivo que o Estado devia, por um lado, assumir e, por outro, supervisionar (FOUCAULT, 2013, p. 199).

A partir dessa consideração, o que se percebe na atualidade é o destaque quanto ao modo como o enfrentamento da pandemia vem sendo posicionado pelo governo federal: o discurso negacionista tem ganhado forma e poder em suas relações históricas, políticas e sociais, produzindo supostas verdades:

Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua "política geral" de verdade: isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos, a maneira como se sanciona uns e outros; as técnicas e os procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade; o estatuto daqueles que têm o encargo de dizer o que funciona como verdadeiro (FOUCAULT, 1986, p. 12).

Então, no interior desse "regime de verdade", os webjornais, através de suas plataformas digitais (mesmo que contrários a tais mensagens) acabam por propagar discursos negacionistas que são reproduzidos por mecanismos políticos ecoando vozes sociais, na tentativa de se fazer passar por verdade. Assim, o poder se constrói a partir desses discursos.

Retomando aos conceitos de Eni Orlandi (2005), no que se refere às relações de força, o que se considera para análise do discurso são as condições de ordem histórico-sociais e ideológicas, que vão sendo construídas ao longo do tempo. E que, em sentido amplo, vão permitindo a identificação de um discurso feminista, ou racista, ou político, ou religioso, de direita/esquerda, entre outros. A fim de ampliar a

compreensão, vejamos no exemplo citado por Orlandi em seu livro, sobre a imagem de um professor:

... não cai do céu. Ela se constitui nesse confronto do simbólico com o político, em processos que ligam discursos e instituições. Desse modo, é que acreditamos que um sujeito na posição de professor de esquerda fale "x" enquanto o de direita fale "y". O que nem sempre é verdade. Por isso a análise é importante. Com ela podemos atravessar esse imaginário que condiciona os sujeitos em suas discursividades e, explicitando o modo como os sentidos estão sendo produzidos, compreender melhor o que está sendo dito (ORLANDI, 2005, p. 42).

Então, as relações de forças contribuem no processo de significação, pois não é no dizer em si mesmo que os sentidos se apresentam, mas nas condições de cada produção, na sua relação com a memória e sua ligação com determinada formação discursiva.

Outro pensador sociólogo francês, contemporâneo, que apresenta contribuições extremamente relevantes sobre relações de poder, é Pierre Bourdieu (2001). Ele defende a existência do poder simbólico "... [n]esse poder invisível que só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem" (BOURDIEU, 2001a, p. 7-8). Nessa dimensão simbólica, o poder está na forma como significamos as coisas, mediante uma estrutura, que criamos a partir da visão que possuímos do mundo. E essa estrutura vai ocorrer a partir da nossa socialização, ou seja, através dos relacionamentos que possuímos dentro de uma sociedade, pois "as diferentes classes e frações de classes estão envolvidas numa luta simbólica para imporem a definição do mundo social em conformidade com seus interesses, formando um campo das posições sociais" (BOURDIEU, 2001a).

Percebe-se por essa via então, a percepção dicotômica nas relações de poder, a exemplo da de senhores e escravos, certo e errado, médico e paciente, homens e mulheres, negros e brancos, pobres e ricos entre outras. Apresentando formas de dominação que são legitimados e estruturados a partir da forma como pensamos. Neste viés, torna-se uma visão mais "natural" das relações, ao pensar que elas ocorrem de forma inconsciente. O que não é verdade de fato.

Entretanto, é importante destacar que as relações de poder de uma maneira geral estão presentes em todos os aspectos da vida em sociedade, e são oriundas de grandes conflitos, justamente por se interligarem a questões de poder. O simples ditado popular “manda quem pode e obedece quem tem juízo”, reflete posições ideológicas historicamente produzindo efeitos de sentido “patrão” versus “subordinado” evidenciando relação de poder. Partindo dessa ideia simplória, a relação de poder existente em qualquer esfera social ou política, resulta no modo como “as relações sociais se inscrevem na história e são regidas, em uma sociedade” (ORLANDI 2005 p. 42).

Assim, as relações de poder estão presentes em todos os relacionamentos, quer individual ou coletivo. E por se tratar da espécie humana, a partir dessa relação pode haver produção de conflitos ou de confrontos. Bem como se sabe, historicamente, o Brasil está organizado na esfera política em três poderes (Executivo, Legislativo e Judiciário), e esta organização pressupõe dizer que existe hierarquia entre os mesmos. Dessa forma, alguns discursos oriundos dessas esferas políticas, podem permitir avanço ou o retrocesso na sociedade civil.

Nesta perspectiva, vejamos relações de poder, numa ótica política do termo. Antônio Gramsci, filósofo pensador marxista, trouxe grandes contribuições Nesse sentido. O filósofo vai associar a operação do poder a partir do conceito de ideologia onde as “superestruturas” operam sua força de submissão. Podemos perceber essa relação de força, por exemplo, quando o governo toma uma decisão frente a alguma situação, econômica, política de imediato pode-se perceber que população toma com verdade e passa a defender a decisão mesmo não tenha sido a melhor decisão no momento ou ao menos a que se esperava, ou seja, é o poder operando de forma persuasiva.

Para Marx e Gramsci, a sociedade civil é o fator chave na compreensão do desenvolvimento capitalista, mas para Marx a sociedade civil é estrutura (relações na produção). Para Gramsci, ao contrário, ela é superestrutura, que representa o fator ativo e positivo no desenvolvimento histórico; é o complexo das relações ideológicas e culturais, a vida espiritual e intelectual, e a expressão política dessas relações torna-se o centro da análise, e não a estrutura (CARNOY, 1994, p. 93).

Todavia, as relações de força para Gramsci, compreendia então como um conjunto de relações, incorporadas pelas relações ideológicas, culturais, intelectuais, espirituais todas exercendo poder. Portanto, nesta visão são nas ideias dominantes que vimos a operação de poder, por exemplo, das TVs, jornais, mídias digitais entre outras formas de dominação.

No sentido dessa investigação, os discursos negacionistas já foram vistos em outros momentos da história apresentando retrocesso. Descreem de pesquisas e cientistas que passam parte de sua vida produzindo estudos na tentativa de proporcionar avanços nas áreas da saúde, esporte, educação entre outras. Logo, estabelecendo “poder”, produzindo melhorias, evolução, cura, descobertas a fim de oferecer a sociedade e não a si mesmo informações fundamentadas na ciência.

Todavia, o poder em análise de discurso, pode ser percebido pelo entrecruzamento discursivo. Assim, em cada instituição percebe-se o discurso patrão x empregado, professor x aluno, presidente x vice-presidente, médico x paciente, pai x filho que atravessam ao longo da história. As posições ocupadas por quaisquer sujeitos Nesse sentido, vão evidenciar as relações de poder, resultando na de apresentação de uma imagem. Portanto, as notícias recortadas para exploração das análises, na presente pesquisa, remetem as relações de força nas esferas políticas e histórico-sociais. E no decorrer da investigação, será exposta sua instituição no discurso negacionista científico.

3.2.4. Acontecimento

Acontecimento “é um ponto de encontro entre uma atualidade e uma memória”, segundo Pêcheux (2015, p. 16), conforme registrado em seu livro *Estrutura ou Acontecimento*. É a partir dessa definição que faremos alguns apontamentos sobre tal eixo temático.

Observa-se que a pandemia de covid-19 é um fato histórico e, devido às possibilidades que um tema dessa natureza suscita quanto a suas características discursivas, produz em seus discursos efeitos de sentido, perpassando tanto as

esferas discursivas quanto as históricas. O acontecimento, dessa forma, no viés de Pêcheux, pode ser analisado entrelaçando sentidos, sujeito, condições de produção, memória e posição do sujeito a fim de produzir outras diferentes leituras. Por isso, vai muito mais além de significar tão somente um fato histórico.

Bakhtin, filósofo da linguagem, apesar de não ser um pesquisador do discurso, em si, contribui para este campo do saber. Desenvolve em seus estudos teorias como as de heterogeneidade, dialogismo, polifonia, gêneros do discurso, alteridade e que se tornam conceitos importantes para o estudo da linguagem. No que diz respeito à interdiscursividade abordada pelo círculo de Bakhtin, e não menos importante que os demais recortes, traz, a partir do conceito de dialogismo, a questão da constituição de um discurso. E através do gênero discursivo configurado nesse caso como gênero secundário (as notícias) permitem identificar textos/vozes presentes na mesma (interdiscursividade), pois “todo enunciado constitui-se a partir de outro enunciado, é uma réplica a outro enunciado”. “Portanto nele ouvem-se ao menos duas vozes (FIORIN, 2006, p. 24)”.

Não obstante, o acontecimento da pandemia na atualidade e a memória discursiva perpassam discursos negacionistas, científicos, anticientíficos, discursos políticos, militantes, entre outros, e que produzem gestos de interpretação. Dessa forma:

Todo discurso é atravessado pela interdiscursividade, tem a propriedade de estar em relação multiforme com outros discursos, de entrar no interdiscurso. Este último está para discurso, assim como intertexto está para texto. Em sentido restritivo, o interdiscurso é também um espaço discursivo, um conjunto de discursos (...) que mantém relações de delimitações recíprocas uns com os outros (MAINGUENEAU, 2016, p. 286).

Pensar o discurso negacionista enquanto acontecimento no contexto de sua atualidade é se deslocar das questões cronológicas (históricas) para se aproximar de questões menos óbvias. Portanto, conforme Orlandi (2005):

Quando falamos em historicidade, não pensamos a história refletida no texto, mas tratamos da historicidade do texto em sua materialidade. O que chamamos de historicidade é o acontecimento do texto como discurso, o trabalho dos sentidos nele. Sem dúvida, há uma ligação entre a história externa e a historicidade do texto (trama

de sentidos nele), mas essa ligação não é direta, nem automática, nem funciona como relação causa e efeito (ORLANDI, 2005, p. 68).

Os registros históricos sobre o negacionismo científico acabam por se perpetuar de forma escrita por meio de livros, publicações diversas, artigos, sites de notícias, sempre representados por textos ou de forma oral através das gerações que repassam essa temática, ou, ainda, na forma de uma imagem. Todavia, a importância dessa materialidade ocorre na compreensão que se propõe a análise do discurso, sua discursividade:

O leitor deve se relacionar com os diferentes processos de significação que acontecem em um texto. Esses processos, por sua vez, são função da sua historicidade. Compreender como um texto funciona como ele produz sentidos é compreendê-lo enquanto objeto linguístico-histórico, explicitar como ele realiza a discursividade que o constitui (ORLANDI, 2005, p. 70).

Dessa maneira, o acontecimento discursivo ocorre quando a atualidade/presente se debate com a memória/passado.

A memória tende a absorver o acontecimento, como uma série matemática prolonga-se conjecturando o termo seguinte em vista do começo da série. Mas o acontecimento discursivo, provocando interrupção, pode desmanchar essa “regularização” e produzir retrospectivamente outra série sobre a primeira, desmascarar o aparecimento de uma nova série que não estava constituída enquanto tal e que é, assim, produto do acontecimento; o acontecimento, no caso, desloca e desregula os implícitos associados ao sistema de regularização anterior (PÊCHEUX, 1999, p. 53).

A partir de um acontecimento histórico marcado pelo negacionismo científico, é possível deslocar-se e produzir uma nova formação discursiva, passível de novas produções de sentidos, em outras condições de produção, outros sujeitos, dadas as circunstâncias atuais, mas que remontam ao primeiro cenário trazendo novo significado. Sim, com efeito, pois “nos estudos discursivos não se separam forma e conteúdo e procura-se compreender a língua não só como uma estrutura, mas, sobretudo, como acontecimento” (ORLANDI, 2005, p. 19).

Como forma de contribuição, o termo acontecimento no dicionário online de português é (1) “o que acontece, ocorre, se torna real, verdadeiro, fato”; (2) “o que tem existência real, evento, acontecimento feliz”; (3) “aquilo cuja ocorrência é imprevista, não planejada, eventualidade”. Assim, em 2019, o acontecimento (termo

cunhado por Pêcheux, 2002) da pandemia ocasionada pela covid-19 possibilita o surgimento de discussões e apresenta um caminho de muitas possibilidades. Assim, é possível enxergar esse acontecimento pela atualidade e a memória, fazendo uma ressignificação dos sentidos, dadas as suas condições de produção.

Para Pêcheux (2002), o acontecimento é parte constitutiva da discursividade, em que a história, a ideologia, e a posição dos sujeitos são passíveis de ser analisadas em relação a seus processos de significação. Nesse sentido, sobre a noção de acontecimento observa-se uma contribuição na discussão apresentada no trabalho publicado em 2019 na revista UNISUL:

O acontecimento instaura um já-dito e pressupõe a existência de um pré-construído que compõe o jogo discursivo, ou seja, a construção de sentidos pressupõe um acontecimento histórico presente na memória discursiva; o sentido é, portanto, indissociável das práticas histórico-sociais e os acontecimentos discursivos se instauram como enunciações que revelam rupturas que apresentam uma temporalidade específica (MENDES; SOUZA; SILVA, 2019, p. 192).

Dessa forma, o acontecimento produz sentidos a partir do momento em que o mesmo se relaciona com sua exterioridade. Assim o pesquisador de discurso sustenta suas análises não somente no fato histórico em si, mas em sua discursividade com os sujeitos envolvidos, nas condições em que surgem os discursos a partir desse evento, nas posições do sujeito a partir de seus dizeres e não dizeres. Enfim, considerando os dispositivos teóricos da AD, em sua base de análise, apresentará ao leitor uma nova possibilidade de leitura de seu objeto discursivo, pois, “para a AD, o acontecimento é, sobretudo um acontecimento interdiscursivo” (MENDES; SOUZA; SILVA, 2019, p. 194).

Na tentativa de exemplificar, vejamos o acontecimento discursivo *Black Lives Matter*, traduzido em português como *Vidas Negras Importam*. O movimento internacional antirracista e contra a violência dos negros surgiu nos Estados Unidos por intermédio de alguns ativistas após um episódio de violência em 2014 contra um cidadão negro:

Conforme os organizadores do movimento, em 2014, Eric Garner foi imobilizado por um policial branco, Daniel Pantaleo, que teria se utilizado de um “mata-leão”. Durante a imobilização, Eric gritava – como se deu com Floyd – que não conseguia respirar. Ainda assim, o policial não afrouxou o

golpe, provocando uma crise respiratória que acabou causando a morte da vítima (CORREIO DO ESTADO, 2022).

Diante desse contexto, o movimento ganha força quando, em 2020, outro policial branco repete a mesma conduta diante de uma abordagem a um cidadão negro, resultando em mais uma morte. Assim, George Floyd morre em 25 de maio de 2020, após ser mobilizado em Minneapolis (EUA), pelo policial militar David Chauvin. Após esse episódio, desencadeou-se uma onda de protestos amplamente veiculada pela mídia.

O movimento *Vidas Negras Importam* também tem representantes no Brasil e, assim, as discussões sobre racismo e violência contra negros volta à tona. A vítima dessa vez é Moïse Kabagambe; negro, refugiado de guerra da República Democrática do Congo, foi morto no dia 24 de janeiro de 2022 após um espancamento coletivo. “O congolês chegou a ter pés e mãos amarrados com um fio depois de sofrer uma sequência de agressões. O rapaz foi encontrado por policiais, deitado ao chão já sem vida, em uma escada do estabelecimento” (EXAME, 2022).

No viés da análise de discurso francesa, esses acontecimentos não são apenas históricos, por contarem histórias, mas são acontecimentos discursivos que significam e possibilitam leituras dentro do movimento antirracista. Assim, toda vez que ocorre um fato que representa esse movimento, a memória discursiva é acionada.

3.2.5. Sentido

Para a análise do discurso, “a linguagem não é transparente. Dessa maneira, ela não procura atravessar o texto para encontrar um sentido do outro lado. A questão que ela coloca é: como este texto significa?” (ORLANDI, 2005, p. 17). Diante dessa questão, as palavras não são somente palavras, elas significam e são carregadas de sentidos.

Nessa perspectiva:

Parte-se da ideia de que a materialidade específica da ideologia é o discurso e a materialidade do discurso é a língua, então, trabalha-se a relação língua-discurso-ideologia. Essas relações se complementam com o

fato de que, como diz M. Pêcheux (1975), não há discurso sem sujeito e não existe sujeito sem ideologia: o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e é assim que a língua faz sentido (ORLANDI, 2005, p. 17).

Partindo desse pressuposto, o estudo do discurso vai trabalhar com a história para/na produção de sentidos. O sentido não está relacionado diretamente à língua, ele é uma construção histórico-social e ideológica carregada de já ditos e esquecimentos ideológicos.

Mesmo diante de um mesmo acontecimento, é possível que o analista tenha mais de uma significação, pois a formação discursiva elucidada pode ter sido produzida em situações diferentes, sujeitos diferentes e reguladas pela memória.

Portanto, de acordo com Orlandi (2005), a produção de novas ressignificações está ligada a duas forças: a paráfrase e a polissemia revelam aspectos entre o mesmo e o diferente e “trabalham continuamente o dizer, de tal modo que todo discurso se faz nessa tensão”, promovendo sempre a constituição de sentidos.

Se toda vez que falamos, ao tomar a palavra, produzimos uma mexida na rede de filiação dos sentidos, no entanto, falamos com palavras já ditas. E é nesse jogo entre paráfrase e polissemia, entre o mesmo e o diferente, entre o já dito e o a se dizer que os sujeitos e os sentidos se movimentam, fazem seus percursos, (se) significam (ORLANDI, 2005, p. 36).

Para a análise do discurso, não existe sentido literal, assim, o sentido que encontramos nos dicionários [*sentido denotativo da palavra*] ressalta apenas uma luta da palavra pelo poder e pela verdade. Ou seja, esse aspecto literal é também efeito de sentido. Exemplificando, a palavra PARE, em seu sentido literal, é ação de parar, e, quando deslocado: PARE, NÃO AGUENTO MAIS, pode significar que alguém está em sofrimento ou imerso em um estado contagiante de alegria e/ou de riso desabrido. Observa-se que o sentido passa a ser outro variando de acordo com seu contexto de uso.

Nessa perspectiva, em análise do discurso todos os sentidos se tornam possíveis, assim, as produções discursivas têm suas condições de produção e a linguagem sujeita a seus “equivocos” e a sua “opacidade”, logo, os sentidos estão sempre “administrados”, não estão soltos. Diante de qualquer fato, de qualquer

objeto simbólico, somos instados a interpretar, havendo uma injunção para isso (ORLANDI, 2005, p. 10).

A produção de novos sentidos deriva dos processos de significação, e à medida que dizemos e relacionamos esse dizer vamos produzindo novos sentidos. Assim, quando dizemos sentido, não se refere às questões de tradução ou lógica da linguagem, mas como esse objeto está cheio de significância. Nesse percurso, a análise de discurso trabalha a língua como “um sistema sujeito a falhas – e o da ideologia como constitutiva tanto do sujeito quanto da produção de sentidos” (ORLANDI, 2005, p. 92).

Com caráter social e histórico, a AD francesa se preocupa com o modo como as palavras são construídas no texto, como são apresentadas, a fim de promover gestos de leituras não validando o discurso, mas oferecendo uma nova possibilidade de sentido, um novo pensar sobre o texto conforme diz Orlandi:

A análise de discurso visa à compreensão de como um objeto simbólico produz sentidos, como ele está investido de significância para e por sujeitos. Essa compreensão, por sua vez, implica em explicitar como o texto organiza os gestos de interpretação que relacionam sujeito e sentido. Produzem-se assim novas práticas de leitura (ORLANDI, 2015, p. 24).

Portanto, não importa o conteúdo da expressão “negacionismo científico”, mas na condição de analista de discurso sua discursividade produzindo efeitos de sentido, produzindo gestos de interpretação. Ainda sobre os sentidos, a autora afirma:

Sujeito e sentidos se configuram ao mesmo tempo e é nisto que consistem os processos de identificação [...] identificamo-nos com certas ideias, com certos assuntos, porque temos a sensação de que eles ‘batem’ com algo que temos em nós. Ora este algo é o que chamamos de interdiscurso, o saber discursivo, a memória dos sentidos que foram se constituindo em nossa relação com a linguagem. Assim nos filiamos a redes de sentidos, nos identificamos com processos de significação e nos constituímos como posições de sujeitos relativas às formações, em face das quais os sentidos fazem sentido (ORLANDI, 1998, p. 206).

Por fim, ao tomar o sentido como objeto de reflexão, a linguagem verbal/ não verbal é produzida a partir do sujeito que em si carrega e produz sentidos em que a “linguagem é conjunção significativa da existência e é produzida pelo homem, para domesticar a significação” (ORLANDI, 2011 p. 31). Ela afirma:

Em “efeitos de sentido”, é, pois aceitar que sempre está em jogo, na relação das diferentes formações discursivas, na relação entre diferentes sentidos. Daí a presença do equívoco, do sem sentido, do sentido “outro”, e conseqüentemente, do investimento de “um” sentido (ORLANDI, 2011, p. 22).

Esse fator é extremamente importante para situar a teoria que adotamos para esta investigação: análise de discurso, que se preocupa em analisar “os efeitos de sentido que ocorre entre locutores” e não análise de conteúdo, ou seja, análise textual através da linguagem emitida por esses locutores. Assim, texto e discurso são bem diferentes nesse sentido. Ao delimitar análise de conteúdo e análise de discurso, percebe-se assim a relevância desse eixo norteador: o sentido. Pois são significados que estão “por trás do texto”.

Na prática, ao tomar o seguinte questionamento: “você frequenta qual igreja?”, uma determinada pessoa poderá responder: “eu frequento a Comunidade Nossa Senhora Aparecida”. Outra: “eu congrego na Igreja da Vila Palmares”. Partindo desse exemplo, em uma primeira análise, deduz-se que a primeira pessoa é de origem católica e a segunda, evangélica. Dessa forma, os sujeitos, ao empregar determinadas palavras e não outras estão significando de um jeito e não de outro. Mas, associada a outras disciplinas, a análise de discurso vai fazer a tentativa de evidenciar os sentidos nesses mesmos discursos. Então, aspectos como lugar sócio-histórico-ideológico suscitado nessas duas respostas nortearão o analista de discurso.

3.2.6. Sujeito

Ao longo da história, diversos autores vão descentralizando o sujeito em suas análises. A priori, para esta pesquisa, fez-se o recorte apenas com base no arcabouço teórico formulado por Sigmund Freud (1856), Jacques-Marie Lacan (1932), Émile Durkheim (1858), Karl Marx (1818), Michel Pêcheux (1938) e Michel Foucault (1926).

Quando se recorre à psicanálise para conceituar o sujeito, nos deparamos com os estudos de Freud; ele faz menções nas entrelinhas, pois nem sempre existiu

de maneira formal, nesse campo de saber, o conceito de sujeito. Freud registrou, em “Projeto para uma psicologia científica”, a busca de definir o aparelho psíquico. Procurou depreender a sua existência, sua ação e suas diferenciações internas. Tenta sanar dúvidas que vão além da noção de indivíduo, tendo como centro a razão e observando a sua construção subjetiva a partir do eixo trazido pela descoberta do inconsciente.

De acordo com o conhecimento epistemológico de sua época, Freud, em seus estudos, utilizou-se de termos como “indivíduo”, “sujeito” e “organismo”. No período em que o autor elaborava seus estudos, o sujeito ainda era o *cogito* cartesiano (pensamento divulgado pelo filósofo francês René Descartes), um modo de pensar essencialmente sobre a subjetividade da vida. Nesse sentido, não se deve confiar somente no conhecimento baseado nos sentidos, a teoria embasada no *cogito cartesiano* manifestava a afirmação “se penso, só o faço porque existo”, ou “penso, logo existo”. Essa ideia tinha como centro de seu funcionamento e de sua existência a razão.

Na construção teórica freudiana, o eu é definido como uma rede de neurônios com funções defensivas, organizada para impedir a passagem de quantidade de energia que venha acompanhada de dor. O que importa salientar nos estudos freudianos com a pesquisa aqui em foco é que para Freud o sujeito é objeto de seu inconsciente.

A partir da descoberta do inconsciente por Freud, o conceito de sujeito sofre uma alteração substancial, pois seu estatuto de identidade homogênea passa a ser questionado diante da concepção freudiana de sujeito clivado, dividido entre o consciente e o inconsciente (MUSSALIM, 2001, p. 107).

Ainda na psicanálise, surge um pensador que toma por base as ideias do pensador austríaco e, ao mesmo tempo, tira novas conclusões nas entrelinhas de Freud e, assim, conceitua o sujeito: Jacques-Marie Lacan (1932). Em sua teoria, Lacan apresenta o chamado “estádio do espelho”, no qual o eu é produzido a partir da imagem do Outro. Conforme Barroso (2012):

Estabelece-se, conseqüentemente, uma matriz simbólica onde o eu se precipita, que, em Freud (1914-1996), foi nomeada eu ideal. Trata-se de uma ficção irreduzível, “armadura” que cristaliza o ideal no primeiro momento do narcisismo. Mais tarde, ele será permeado pelos semblantes

sociais e sofrerá uma limitação, constituindo o ideal do eu, já submetido aos efeitos da castração (BARROSO, p. 155, 2012).

O que Lacan chamará de sujeito é esse enigma trazido pela barra, pela divisão que funda o inconsciente, que descentra o indivíduo e a razão.

Em estudos desenvolvidos no campo da psicanálise, especialmente quanto à aproximação entre Lacan e Freud, a psicanalista italiana Piera Aulagnier [*que chega a nós por intermédio de Maria Lucia Vieira Violante*²] assevera que um dos grandes pontos em que os dois pensadores mais se identificam está justamente na análise da alienação. Para tanto, leva em consideração a essência da relação narcísica estabelecida entre o Eu e outro Eu, que ele reconhece como mais forte, no corpo e no espírito, servindo-lhe, desse modo, como o espelho a que ele tanto anseia.

Conforme observa Freud e com o qual vai concordar Lacan, em especial na primeira fase de sua obra, o “eu projetado” pelo discípulo em questão [*o alienado*] na sua relação doentia com o alienante se baseia em uma fantasia desprovida de sentido lógico, logo, irracional porque fundada em um tipo de imitação cega. Portanto, nesse caso, trata-se de um evento de ficção irredutível, armadura que limita seus movimentos, visto se colocar aquele sempre em condição de obediência a este, ao suposto “líder” em tudo aquilo que, a partir de certas ideias fixas, pensa ou faz. Então, eis que esse comandado sente prazer em obedecer, alegre ou resignadamente, aos toques de comando emitidos pelo tal líder, sua entidade suprema e inquestionável; é tangido pela voz emitida por seu ‘deus’ ou por intermédio de alguém do seu entorno do poder (um filho, irmão, ministro ou outro emissário qualquer) em tudo que o manda fazer ou, pelo menos, sugere, tácita ou explicitamente, que ele faça.

De outro lado, o sociólogo Émile Durkheim (1858) apresenta a ideia da função da instituição social. A partir de seus estudos, ele observa os fatos sociais como coisas e, ao longo de sua obra, evidencia que, a depender da maneira como enxergamos as coisas e os fatos sociais, os indivíduos são coagidos para serem como são:

² Maria Lucia Vieira Violante, no livro *Piera Aulagnier - Uma contribuição à obra de Freud* (2001).

Eis, portanto [*a formulação*] de uma ordem de fatos em que tais fatos apresentam características muito especiais: consistem em maneiras de agir, de pensar e de sentir, exteriores ao indivíduo, e que são dotadas de um poder de coerção em virtude do qual esses fatos se impõem a ele. Por conseguinte, eles não poderiam se confundir com os fenômenos orgânicos, já que consistem em representações e em ações; nem com fenômenos psíquicos, os quais só têm existência na consciência individual e através dela. Esses fatos constituem, portanto, uma espécie nova, e é a eles que deve ser dada a qualificação de sociais (DURKHEIM, 2007, p. 2).

Em consonância com o pensamento de Émile Durkheim, Karl Marx (1818), precursor de ideias políticas e econômicas das mais relevantes da história da civilização ocidental, também traz suas contribuições no sentido de se buscar compreender as formas de atuação desse sujeito inscrito na AD (linha francesa). E, conforme se pode inferir pela linha central dos enunciados que postula, ele faz uma instigante leitura dessa relação entre os sujeitos, os fatos de sua história de vida e a história da humanidade propriamente dita. O autor alemão vai produzir reflexões sobre como a história se movimenta e como somos atuantes na mesma à medida que cada ação apresenta potencial para modificá-la. No contexto em que se desenvolve a teoria marxista, observa-se, ainda, uma divisão de classes sociais: de um lado a classe privilegiada que detinha os meios de produção e, do outro, a classe dominada, então explorada. No entanto, o sujeito precisa ser construído, pois tem uma localização histórico-social na qual se determina a sua forma de ação.

Mesmo sem regulação cronológica, na tentativa de exemplificar a construção desse sujeito, é com esse breve contexto histórico que se busca a contribuição da teoria da análise do discurso para a temática do sujeito, nas figuras de Pêcheux (1938) e Foucault (1926).

Nessa perspectiva, Pêcheux (1969) teoriza a respeito de sujeito partindo da premissa de que para o indivíduo passar para a condição de sujeito ele precisa estar na condição de assujeitamento a alguém ou a alguma coisa. Ao trazer tal raciocínio para seus estudos, ele então está falando de um sujeito do inconsciente, da linguagem, interpelado pela ideologia, descentrado, constituído e atravessado pela linguagem.

Para Pêcheux, a condição que transforma texto em discurso é justamente o fato de que esse sujeito é produto histórico e social de um processo de produção discursiva que é:

Concebido como uma máquina autodeterminada e fechada por si mesma, de tal modo que um sujeito estruturado determina os sujeitos como produtores de seus discursos: os sujeitos acreditam que “utilizam” seus discursos quando na verdade são seus “servos” assujeitados, seus “suportes” (PÉCHEUX, 1997, p. 311).

Nesse percurso teórico traçado pelo autor, o sujeito não é origem de seu próprio discurso, “a máquina discursiva” é que o determina. Mais adiante, amplia sua visão de sujeito envolvendo questões de sentido e sujeito. De acordo com esse modo de ver, a noção de sujeito vai envolver a posição de onde se fala. Ou seja, o conceito de formação discursiva criada por Foucault é introduzido nos estudos pecheuxtianos e, a partir daí, regulados por uma formação ideológica: “Aquilo que numa conjuntura dada, de acordo com estado da luta de classes, determina o que pode e deve ser dito – articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa etc.” (PÉCHEUX, 1995, p. 160). Já na terceira fase da AD Francesa, o autor trabalha com um sujeito heterogêneo marcado pelo primado do interdiscurso, compreendido pela inscrição, constituição e ressignificação de uma determinada formação discursiva, a partir do que já foi dito por esse sujeito.

Observa-se, dessa forma, a questão do sujeito na obra de Foucault (1926), tornando necessária uma breve explanação a respeito dos processos de objetivação, sujeito e subjetivação. De forma resumida, primeiro, o autor identifica que o sujeito não é indivíduo no sentido coletivo de ser, justamente por ele ter uma subjetividade. A forma como esse sujeito torna-se objeto para o conhecimento faz a sua objetivação. De outro lado, a subjetivação é o processo como ele se torna sujeito, “a maneira pela qual o sujeito faz a experiência de si mesmo em um jogo de verdade, no qual se relaciona consigo mesmo” (FOUCAULT, 1984/2004, p. 236).

O autor faz uso de seu arcabouço teórico, construído ao longo da carreira, para definir sujeito. Assim, a construção do sujeito foucaultiano se dá pela construção da história: o mesmo torna-se objeto em um processo de controle e dominação, torna-se, a partir disso, aquilo que a sociedade decidiu. Para Foucault, um sujeito decidiu se tornar, por exemplo, um advogado porque a sociedade construiu essa necessidade, assim, o sujeito vai se construir a partir disso.

Dialogando com o estudo do sujeito, o linguista Dominique Maingueneau (1950) – também um teórico da análise do discurso de linha francesa – reflete sobre o responsável em produzir o discurso fazendo a seguinte afirmação em seu livro *Discurso e Análise do Discurso* (2015):

O discurso só é discurso se estiver relacionado a um sujeito, a um EU, que se coloca ao mesmo tempo como fonte de referências pessoais, temporais, espaciais (**eu-aqui-agora**) e indica qual é a atitude que ele adota em relação ao que diz a seu destinatário (MAINGUENEAU, 2015, p. 26).

Pode-se afirmar que o discurso toma para si o sujeito responsabilizado por aquilo que diz. De outro modo, “não há discurso sem sujeito” (ORLANDI, 2005, p. 47). Logo, “o efeito ideológico elementar é a constituição do sujeito”. “No entanto, nem a linguagem, nem os sentidos, nem os sujeitos são transparentes: eles têm sua materialidade e se constituem em processos em que a língua, a história e a ideologia concorrem conjuntamente” (ORLANDI, 2005, p. 48). Portanto, “ele é sujeito de, é sujeito a ele e é sujeito à língua e à história”.

Dessa forma, o sujeito para a autora se constitui nessa relação, e o mesmo não pode produzir sentidos sem ser afetado por esse processo. Assim como um pai que cresce e produz memórias, lembranças, de um passado vivido na sua infância, durante uma ditadura militar (acerca de momentos de luta, tiros, morte, censura e de muita tristeza) se constituirá como sujeito interpelado por essa diversidade de situações historicamente registradas e vivenciadas.

3.2.7. Silêncio

A fim de produzir a conclusão da terceira seção desta pesquisa, não menos importante, faz-se a tentativa da teorização do último aspecto norteador, o silêncio na perspectiva da análise do discurso, pois a linguagem não se silencia.

Em termos teóricos, Orlandi (2005) afirma que o silêncio:

... pode ser pensado como a respiração da significação, lugar de recuo necessário para que se possa significar, para que o sentido faça sentido. É o silêncio como horizonte, como iminência de sentido. Esta é uma das formas de silêncio, que chamamos silêncio fundador: silêncio que indica que o sentido pode sempre ser outro. Mas há outras formas de silêncio que

atravessam as palavras, que “falam” por elas, que as calam (ORLANDI, 2005, p. 83).

Segundo a autora, o silêncio é provocado pelo gozo do não dizer, dessa maneira, o sujeito, ao ocultar palavras, revela o inconsciente e, por consequência, a sua singularidade. Isso implica dizer que a nossa relação com o sentido é primordialmente oriunda da relação com o silêncio e é a partir dela que, sem ele, nada significaria. Pensando o sujeito pelo viés simbólico-histórico, o silêncio é fundamental para a produção de sentidos.

Assim, retoma-se a abordagem dos aspectos polissêmicos e parafrásicos da linguagem, anteriormente citados na discussão sobre sentido, ainda nesta seção. Ora, a tensão entre o mesmo e o diferente (já dito e o não dito) não representa a não produção de sentidos, pelo contrário, nessa relação, a partir da forma como o silêncio é produzido em ambos os aspectos, evidenciam-se novas possibilidades e estas se ressignificam naquele contexto de alguma forma.

Nessa movimentação discursiva, o silêncio pode ser percebido como resistência, ocultação, negação, repressão, entre outros sentidos. E nesse funcionamento da linguagem encontram-se diferentes formas do silêncio, formas essas que segundo a AD devem ser escutadas.

Eni Orlandi (2011) inicia o primeiro capítulo de seu livro *As formas do Silêncio* com a seguinte citação: “quando um homem, em sua história, percebeu o silêncio como significação, criou a linguagem para retê-lo”. Assim, na perspectiva da análise de discurso, o silêncio é significação. Tendo em vista que a notícia é um gênero com objetivo de informar, retratar, reportar alguma situação sobre fatos que ocorrem diariamente, tem sua própria metodologia. Considerando nosso *corpus* de pesquisa, com toda a certeza, a mídia se utiliza de estratégias discursivas quando da publicação de um fato a fim de provocar o interesse do leitor, instigando-o. E para o discurso jornalístico temos os elementos que asseguram coerência e legitimidade assim:

A noticiabilidade é um conjunto de regras práticas que abrange um corpus de conhecimento profissional que, implícita e explicitamente, justifica os procedimentos operacionais e editoriais dos órgãos de comunicação em sua transformação dos acontecimentos em narrativas jornalísticas. Reúne o conjunto de qualidades dos acontecimentos que permitem uma construção

narrativa jornalística e que os recomendam enquanto informação jornalística (HOHLFELDT, 2001, p. 209).

Mas, no viés da AD, “para entender a linguagem é preciso entender o silêncio” (ORLANDI 2011). Assim, presume-se a política do silenciamento e o silêncio de sujeitos a partir das notícias publicadas a respeito da covid-19 quanto ao negacionismo científico no Brasil.

Diante dessa materialidade discursiva, o site jornalístico assume responsabilidade a partir daquilo que produz (do dito), e nesse jogo a escolha de um tema em detrimento de outro (não dito) implica de alguma forma “ao longo dizer, há toda uma margem de não ditos que também significam” (ORLANDI, 2005, p. 82).

Relacionando as notícias com a memória e também com o silêncio, vê-se um caminho de possibilidades para as leituras discursivas. Ou seja, aquilo que não está dito (escrito) no enunciado das notícias pressupõe o silenciamento de milhares de brasileiros que optam por não se posicionar frente a esses discursos negacionistas. Produz gesto de leitura, quanto ao desrespeito às orientações médicas de prevenção da doença, silenciando a classe dos profissionais da saúde pública no Brasil, logo, permitindo também a interpretação de quem silenciou e silencia a todos os envolvidos.

Conforme Orlandi:

... o homem está “condenado” a significar. Com ou sem palavras, diante do mundo, há uma injunção, há “interpretação”: tudo tem de fazer sentido (qualquer que ele seja). O homem está irremediavelmente constituído pela sua relação com o simbólico (ORLANDI, 2011, p. 29-30).

Nesta perspectiva, a circulação e(m) sentidos, acerca do negacionismo científico no Brasil, referente à covid-19, se constitui a partir de discursos com ou sem palavras. A circulação desses discursos também possibilita a leitura do silêncio, pois o silêncio também é linguagem. E sobre sua multiplicidade: “há silêncios múltiplos: o silêncio das emoções, o místico, o da contemplação, o da introspecção, o da revolta, o da resistência, o da disciplina, o do exercício do poder, o da derrota da vontade etc.” (ORLANDI, 2011).

A construção de significação do silêncio a partir do *corpus* da pesquisa, inicialmente nota-se a o silêncio da resistência, através da negação da ciência.

Principalmente, o silêncio do exercício do poder evidenciado pelo sujeito que produz os discursos.

Também nesse mesmo sentido, observa-se uma tentativa de contribuição quanto ao não dito e o dito nos estudos teóricos de Oswald Ducrot (1972).

[...] é saber como se pode dizer alguma coisa sem, contudo, aceitar a responsabilidade de tê-la dito, o que, com outras palavras, significa beneficiar-se da eficácia da fala e da inocência do silêncio. [...] A significação implícita, por sua vez, pode, de certo modo, ser posta sob a responsabilidade do ouvinte: este é tido como aquele que a constitui por uma espécie de raciocínio, a partir da interpretação literal da qual, em seguida, ele tiraria, por sua conta e risco, as consequências possíveis (DUCROT, 1987, p. 20).

Embora o linguista não mencione em seu trabalho a questão do silêncio, a noção de implícito em suas reflexões abre-se para a perspectiva do dizer e não dizer, ou seja, a partir do dito o autor vai afirmar a existência do não dito e o que este pode significar. Assim, endossa a questão da significação através do silêncio.

De outro modo, Orlandi (2005) evidencia em seu trabalho justamente o oposto, ao tratar o não dito como silêncio. A autora parte do princípio de que o silêncio é fundante. Assim, ao mencionar as formas de silêncio (fundador e político), evidencia aspectos que constituem esse processo discursivo:

O silêncio fundador (que, como, dissermos, faz com que o dizer signifique) e o silenciamento ou política do silêncio que, por sua vez, se divide em: silêncio constitutivo, pois uma palavra apaga outras palavras (para dizer é preciso não dizer: se digo “sem medo” não digo “com coragem”). E o silêncio local (a censura) traduz aquilo que é proibido dizer em uma conjuntura e que faz com que o sujeito não diga o que não poderia dizer (ORLANDI, 2005, p. 83).

Nessa perspectiva, as formas do silêncio implicam em produção de sentidos; sempre que se fala algo automaticamente, se deixa de falar outras coisas e nesse processo:

A maneira de analisar o não dito, em cada uma delas, difere e dá como resultado conclusões diferentes, com consequências diferentes a respeito de nossa compreensão dos sentidos e dos sujeitos em sua relação com o simbólico, com a ideologia, com o inconsciente (ORLANDI, 2005, p. 84).

Diante dessa afirmação, torna-se relevante a metodologia da AD (francesa), para efetuar as análises, pois, frente a uma mesma formação discursiva, aquele que

analisa poderá emitir sempre novos gestos de leituras, ter modos diferentes de significar o silêncio, pois:

A reflexão sobre o silêncio nos faz compreender um aspecto fundamental, o da necessidade do sentido formulável: se um sentido é necessário, ele é possível: o silêncio é a garantia desta necessidade, pois o não dito, o silêncio, significa. Os sentidos silenciados migram para outros objetos simbólicos atestando sua necessidade. Com esta migração é produzida pela necessidade histórica, para compreender um discurso, devemos nos perguntar sistematicamente o que ele cala (ORLANDI, 2012, p. 130).

Face ao exposto, a publicação de uma notícia em um site jornalístico silencia sentidos, permitindo analisar os dizeres em relação a aspectos que configuram o não dizer. Por exemplo, o fato de expor apenas parte de uma entrevista ou reportagem suscita a questão do que foi silenciado e por que foi silenciado. Logo, o estudo do silêncio significa perguntar aquilo que não é óbvio, que por vezes pode ser entendido como algo “normal” e “sem sentido”, no entanto, está calando uma verdade.

Conclui-se se esta parte da dissertação com as seguintes indagações: “O que as notícias selecionadas para o *corpus* desta pesquisa silenciam?; o que elas não deixam dizer?”.

Acredita-se que se trata de questões relevantes, pois “o que é silenciado constitui igualmente sentido do que é dito”.

SEÇÃO IV - ANÁLISES E DISCUSSÕES

4.1. Efeitos de sentido

Por meio da análise do discurso, os sentidos vão se instituindo e possibilitando diferentes análises e discussões sobre um mesmo corpus. Portanto, as notícias publicadas em webjornais, durante o período da covid-19, sobre o negacionismo científico, produzidos no primeiro e segundo semestres de 2020, causam efeitos de sentido, e esse um fator que permite sempre novas leituras.

Uma vez efetuado o recorte histórico, preocupou-se com a produção de sentidos dos seguintes eixos temáticos: lockdown, vacina, isolamento social também conhecido pelas medidas de prevenção.

Na perspectiva da AD, analisar um discurso é tomá-lo como objeto histórico-ideológico, procurando “compreender a língua, fazendo sentido enquanto simbólico, como parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e da sua história” (ORLANDI, 2015, p. 13). Assim, os efeitos de sentido constituem da análise de alguns aspectos que perpassam um discurso, pois “o sentido não existe em si” conforme afirmou Pêcheux (1997):

O sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição, etc., não existe “em si mesmo” (...) mas, ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo histórico-social no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas” (PÊCHEUX, 1997, p. 190).

Cabe afirmar que as notícias que compõem o *corpus* desta pesquisa produzem sentidos políticos e ideológicos. São a partir desses efeitos de sentido, que abrem caminhos para contradições, polêmicas, opiniões, balburdias entre outras reflexões. Essa efervescência de sentidos entrecruzam discursos ora ditos ora não ditos. Por meio da análise do discurso, os sentidos vão se instituindo e possibilitando diferentes leituras e discussões sobre um mesmo *corpus*.

Patrick Charaudeau, linguista francês especialista em análise de discurso, com foco sobre as práticas midiáticas e políticas, acrescentou sobre efeitos de sentido do seguinte modo:

No primeiro se encontra o destinatário ideal, aquele que em comunicação é chamado de alvo, que é imaginado pela instância midiática como suscetível de perceber os efeitos que ela busca. Este espaço é o lugar dos “efeitos pretendidos”. No segundo encontra-se o receptor real, que será chamado de público, a instância de consumo da informação midiática, lugar dos “efeitos produzidos” no âmbito do consumidor, em função do que ele é (CHARAUDEAU, 1997, p. 20)

Assim a partir desses dois efeitos (pretendido e produzido), o autor trabalha sua concepção de efeito de sentido. Nesse sentido, segundo Charaudeau, o grupo midiático no qual pode ser determinado por idade, classe social, nível de escolaridade, gênero, raça ou outro aspecto cria-se uma expectativa de efeitos de sentido almejado por seu “público” ou “alvo”. Mas, a questão nesta pesquisa é pensar justamente os efeitos de sentido pela inscrição desses discursos a partir de quem enuncia, tornando evidente que os discursos produzidos na/pela mídia se constituem pelos sujeitos, inseridos na história e interpelados por uma ideologia, e produzem efeitos de sentido quando veiculados.

Assim, a priori, iniciam-se as análises norteadas por duas preocupações que foram organizadas desse modo: a primeira análise se faz a partir de notícias publicadas em sites jornalísticos, logo no início da pandemia da covid-19 no primeiro semestre de 2020. Já, a segunda, discussão ocorre a partir da notícia coletada no segundo semestre de 2020. Por último, a terceira discussão decorre da notícia publicada quase no final do ano de 2021, ambas a partir de leituras de textos verbais.

4.2. Análise: “Bolsonaro fala em 'guerra' e pede que empresários joguem 'pesado' com Doria contra 'lockdown'”

Desde que se demonstrou a realidade de que a covid-19 se tratava de uma pandemia e havia chegado ao país contagiando brasileiros, muitos textos relacionados ao tema começaram a ser publicados pela mídia tanto impressa quanto digital, além da veiculação constante no rádio e na televisão. E a partir daí também tem início uma ampla disseminação de informações (umas que informam e outras

que desinformam) com recortes de suposto cunho científico, político, religioso, étnico, social, entre outros.

O fato é que a circulação de notícias pode promover reflexões teóricas, e assim se torna necessária tal investigação. Disputas, conflitos, guerras foram desencadeadas a partir de inúmeras situações partidárias tais como:

Catolicismo versus protestantismo. Socialismo versus capitalismo. Direita versus esquerda. As disputas polarizadas em torno de ideologias (religiosas, econômicas, políticas etc.) existem no cotidiano dos indivíduos há muitos séculos e continuam sendo criadas, alimentadas e mediadas, atualmente pela internet, e midiaticizadas também graças a essa rede. Há quem alegue estar isento e a favor de acordos para as mais diversas dicotomizações, já que o consenso suprime os conflitos (FRANÇA, 2019, p. 280).

Dito de outra forma, a mídia é objeto de estudo e pesquisa exatamente pela sua gama variada de produções. Então, é considerada, por muitos leitores, sensacionalista, tendenciosa, desprovida da esperada imparcialidade, enfim, um campo que faz suscitar muitas leituras e gestos de interpretação.

Levando em consideração alguns aspectos que possibilitam a análise pelo viés da análise de discurso de linha francesa, propõe-se a discussão de nosso primeiro dado [do portal G1], conforme já referido.

Então, analisemos o texto a seguir:

The screenshot shows the G1 website interface. At the top, there are navigation links for 'globo.com', 'g1', 'ge', 'gshow', and 'videos'. On the right, there are links for 'ASSINE JÁ', 'MINHA CONTA', 'E-MAIL', and 'ENTRAR'. The main header is red with the 'g1' logo and the word 'POLÍTICA'. Below the header, there is a search bar with the text 'Q BUSCAR'. The main content area features a Google AdSense banner with the text 'Anúncios Google' and a button 'Não exibir mais este anúncio'. Below the banner is the article title: 'Bolsonaro fala em 'guerra' e pede que empresários joguem 'pesado' com Doria contra 'lockdown''. The article text reads: 'Presidente voltou a atacar medidas de isolamento adotadas por governadores em meio à pandemia. Bolsonaro ainda criticou condução de MPs pelo presidente da Câmara, Rodrigo Maia.' Below the text, it says 'Por Guilherme Mazui e Ana Krüger, G1 — Brasília' and '14/05/2020 15h48 · Atualizado há um ano'. There are also social media sharing icons for Facebook, Twitter, WhatsApp, Telegram, and LinkedIn.

Fonte: Disponível em: < <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/05/14/bolsonaro-fala-em-guerra-e-pede-que-empresarios-joguem-pesado-com-doria-contra-lockdown-em-sp.ghtml>>

Na publicação, *[o ator]* presidente da República trata-se de Jair Messias Bolsonaro, militar reformado eleito em 28/10/2018, na ocasião, filiado ao Partido Social Liberal (PSL), uma agremiação política de direita fundada em 2006 pela coligação “Brasil acima de tudo e Deus acima de todos” (PSL/PRTB). Em 2019, tomou posse e assumiu o governo federal, tornando-se o 38º presidente brasileiro. Anteriormente, nos sete mandatos consecutivos de deputado federal pelo Estado do Rio de Janeiro, ficou mais conhecido por suas posições extravagantes, agressivas e até bizarras, além de alimentar uma relação quase sempre conflituosa com a mídia tradicional, e também por seu famoso “toma lá, dá cá”. Mas, uma vez eleito presidente, acabou se tornando uma figura emblemática da história do país.

A outra figura citada pelo presidente é João Agripino da Costa Doria Junior, conhecido como João Doria, em 2018, eleito governador do Estado de São Paulo, filiado ao Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), importante figura da política nacional.

Após a breve contextualização das figuras centrais no palco em que se desenrola a cena, nossas bases de análise nortearão nossas discussões. Dessa forma, a fim de produzir novas leituras, façamos a tentativa de responder ou ao menos construir um gesto de leitura partindo de nosso objetivo geral: como foi construído o discurso negacionista e em quais condições de produção o dado selecionado para análise ocorreu. Para o alcance do resultado fundamentaremos esta pesquisa em dispositivos teóricos, como ideologia, condições de produção, sujeito, silêncio, acontecimento e sentido.

Parte-se do pressuposto de que “a ideologia faz parte, ou melhor, é a condição para a constituição do sujeito e dos sentidos” (ORLANDI, 2005, p. 46). Logo, o sujeito se manifesta através/pela linguagem produzindo sentidos e a “ideologia torna possível à relação palavra/coisa entre pensamento, linguagem e o mundo” (ORLANDI, 2005 p. 95). O que se percebe pelos dados coletados é que o discurso produzido pela figura do presidente emite sentidos a partir do momento em que a ideologia o constitui. Analisando outras falas do mesmo, a leitura que se faz do presidente é extremamente relevante para o entendimento, por exemplo, quando adota medidas radicais contra a imprensa, contra a educação, entre outras posições.

Então, as palavras manifestas na/pela linguagem traz sentido quando relacionamos ao sujeito que constituiu. Logo, ao falar, pronunciar, expor ideias, solicitar, contrapor, discutir, o presidente está sempre diminuindo a ciência, negando-a e punindo-a com a redução de investimento na pesquisa.

Nesse sentido, podemos afirmar que “a ideologia interpela o indivíduo em sujeito e este se submete à língua, significando e significando-se pelo simbólico na história” (ORLANDI, 1999, p. 11).

Nesse processo discursivo, em que ocorre a constituição do sujeito e ao mesmo tempo onde o mundo se significa, busquemos a significação do texto: **“Bolsonaro fala em ‘guerra’ e pede que empresários joguem ‘pesado’ com Doria contra ‘lockdown’”**, retornemos a definição das condições de produção de um discurso: “Elas compreendem fundamentalmente os sujeitos e a situação”. Dessa forma, no entendimento de Orlandi (2005), se desdobram em duas perspectivas: “sentido estrito” e “sentido amplo”, sendo o primeiro o contexto imediato e o segundo, o contexto histórico-social, ideológico.

A notícia exposta nos canais de comunicação ocorre em um período de grande crise na área da saúde e emerge em um contexto de descobertas sobre medidas preventivas para a contenção da doença transmitida pelo coronavírus. O gesto de análise, que podemos realizar, é que se observarmos do ponto de vista político/militar, a palavra guerra é utilizada para contextos de conflitos, disputas que podem envolver inúmeros motivos, desde a conquista de territórios demarcados geograficamente até ao extermínio de um povo/raça, como vimos na história dos nazistas e os judeus, o Holocausto (1941-1942). A partir dessa memória, acionada pela palavra guerra, nosso gesto de interpretação mobiliza um sujeito ideológico negacionista. Que ao falar em guerra, e pedir que um determinado povo (empresários) jogue pesado contra outro (João Doria), torna evidente seu posicionamento quanto ao assunto *lockdown*, produzindo efeitos de sentido aos demais leitores e seus apoiadores. Primeiramente, deixando evidente sua posição em relação ao assunto e depois incitando à reflexão os demais leitores/ouvintes sobre a decisão da classe científica, que naquele momento optava pela sensatez e racionalidade sobre a disseminação do coronavírus.

Adiante, no texto referido, pode-se dizer que o contexto imediato é o site no qual a notícia foi publicada, os sujeitos o redator, o fotógrafo, o repórter, o editor, enfim, toda a equipe envolvida que valida a informação articulando os dizeres amalgamados às imagens a fim de repassar credibilidade e confiança aos leitores, produzindo o sentido estrito do discurso. Entretanto, as circunstâncias da enunciação, que produzem sentido amplo, rememoram alguns elementos que contribuem para a produção de sentido. Percebe-se, então, a organização da política em nossa sociedade, o que faz ecoar a voz da figura do presidente da República marcando a posição do sujeito dando veracidade e confiabilidade na informação. Adiante, partindo do lugar de fala, o discurso carrega consigo marcas sociais, ideológicas e históricas, o que possibilita, nesse momento, a leitura de um discurso autoritário, quando o mesmo assume uma posição de representante chefe de toda a Nação.

Sobre o lugar do sujeito, Orlandi (1999), em trabalho publicado pela Unicamp com a temática “Contextos epistemológicos da análise do discurso”, afirma:

Pensando-se a subjetividade, podemos então observar os sentidos possíveis que estão em jogo em uma posição-sujeito dada. Isso porque, como sabemos o sujeito, na análise do discurso, é posição entre outras, subjetivando-se na medida mesmo em que se projeta de sua situação (lugar) no mundo para sua posição no discurso. Essa projeção-material transforma a situação social (empírica) em posição-sujeito (discursiva). Vale lembrar que sujeito e sentido se constituem ao mesmo tempo, na articulação da língua com a história, em que entram o imaginário e a ideologia (ORLANDI, 1999, p. 11).

Por essa perspectiva, a produção de sentido seria de outra forma se o mesmo discurso, por exemplo, fosse dito por um civil que em um cenário pandêmico perdera um ente querido, um amigo, um ídolo. Isso porque a interpretação não é livre nem a linguagem, transparente. Assim, a notícia previamente selecionada pode evocar várias maneiras de significar e significar-se:

Já a criatividade implica na ruptura do processo de produção da linguagem, pelo deslocamento das regras, fazendo intervir o diferente, produzindo movimentos que afetam os sujeitos e os sentidos na sua relação com a história e com a língua. Irrumpem sentidos diferentes (ORLANDI, 2005, p. 37).

Assim, o lugar de fala implica a análise de discurso, a validação do mesmo e a produção de diferentes sentidos. Logo, ao deslocar esse mesmo discurso para o período então vivenciado, podemos citar a guerra entre Rússia e Ucrânia; o gesto de interpretação produziria outros movimentos. Dada a situação atual entre os países, a representatividade de um presidente pode mudar o rumo de uma nação e evitar a chacina de muitos e impedir uma guerra. Para tanto, a condição de produção significa em seu contexto histórico produzindo sentidos.

Ao criar um momento de pronúncia para suas falas, o presidente da República, como figura importante para toda a população, automaticamente já emite um discurso, e ao utilizar sua posição de presidente deixa a instituição governo em segundo plano para fazer valer suas vontades e pensamentos ideológicos.

Conforme se registra na abertura deste texto dissertativo, no final de 2019 recebemos a informação, através da Organização Mundial da Saúde (ainda de forma bem incipiente) acerca de um vírus, primeiramente identificado na cidade de Wuhan, que vinha provocando alguns casos de pneumonia. Logo depois, no final de fevereiro do corrente ano, o Brasil registra o primeiro caso. E, no desenrolar desse enredo ao mesmo tempo inesperado e preocupante, nós, brasileiros, nos vimos diante da contingência de ter de enfrentar, com as poucas armas então disponíveis, o maior desafio sanitário do século: uma nova pandemia.

A partir desse acontecimento, em que a atualidade se encontra com a memória, percebe-se novamente na perspectiva da AD, um gesto de interpretação. Nesse encontro, novamente a ciência procura, por óbvio, cumprir o seu ofício: produzir vacina visando à prevenção do coronavírus, objetivando, com essa missão, começar a reduzir a taxa de óbitos, parte da população é orientada a abrir seus estabelecimentos comerciais e de serviços. Entretanto, enquanto a vacina não fica pronta, recomendam-se, em tais casos, medidas para contenção da doença, a exemplo do fechamento de alguns estabelecimentos comerciais, bares, lanchonetes, boates, eventos, a fim de reduzir a circulação de pessoas e a proliferação do vírus, naquilo que é designado isolamento social ou *lockdown*.

Faz-se necessário aqui apresentar o conceito de *lockdown*: “bloqueio que, imposto pelo Estado ou por força de uma ação judicial, restringe a circulação de pessoas em áreas e vias públicas”.

Vejamos, a propósito, o que o site da Agência Internacional especializada em Saúde Pública das Américas, a Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS/OMS), diz sobre o assunto:

Dessa forma, quanto mais o vírus da covid-19 circular, através da movimentação das pessoas, mais oportunidades terá de sofrer mutações. Portanto, a coisa mais importante que as pessoas podem fazer é reduzir o risco de exposição ao vírus e se vacinar contra a covid-19 (com todas as doses necessárias, segundo o esquema de vacinação); continuar a usar máscaras; manter a higiene das mãos; deixar os ambientes bem ventilados sempre que possível; evitar aglomerações e reduzir ao máximo o contato próximo com muitas pessoas, principalmente em espaços fechados (OPAS 2020).

A partir dessa publicação, a análise discursiva pertinente à pandemia ocasionada pela covid-19 e a situação de “sair de casa” ou jogar pesado contra alguém que apoia a decisão da ciência (nesse caso, João Doria) de “ficar em casa”, suscita questões que nos levam aos efeitos de sentido justamente na contramão do que a ciência naquela ocasião recomendava. Dessa forma, não é que a economia do Brasil não fosse importante naquele momento; a questão é que a ciência buscava caminhos para o enfrentamento do vírus, mas seus estudos eram ignorados. Naquele momento, ainda obscuro, a cautela era sempre esperada, o que menos se esperava eram vozes de resistência, militância, medo, incerteza e, claro, vozes quaisquer de cunho negacionista quanto ao valor da ciência, pois isso serviria apenas para confundir, amedrontar. Ou olhando de outro prisma: as palavras “guerra” e “pesado” trazem em si uma memória, e o leitor que se vê diante da informação não tem como não a interpretar a sua maneira. De certa forma, o acontecimento histórico promoveu e promove reflexões até os dias atuais.

Vejamos o sentido literal da palavra *guerra*: “luta armada entre nações ou entre partidos; conflito armado entre povos ou etnias diferentes, buscando impor algo pela força ou para proteger seus próprios interesses”; já em seu sentido ampliado, remete a “batalha”, “combate”, “luta”, “disputa”, entre outros.

Para a análise do discurso de linha francesa, essas palavras não estão ditas, em tal contexto, a fim de produzir neutralidade, elas significam e produzem efeito. A posição defendida pelo sujeito-presidente intimida e convoca os sujeitos empresários a tomarem uma decisão.

Nesse caso, precisam ser consideradas as relações de força, outro aspecto relevante para a leitura que se faz nesta análise, afinal, são elas que instituem esses discursos.

Com efeito, para a AD, os discursos nunca são neutros:

A evidência do sentido – a que faz com que uma palavra designe uma coisa – apaga o seu caráter material, isto é, faz ver como transparente aquilo que se constitui pela remissão a um conjunto de formações discursivas que funcionam com uma dominante. As palavras recebem seus sentidos de formações discursivas em suas relações. Este é o efeito da determinação do interdiscurso [*da memória*] (ORLANDI, 2005, p. 46).

Nesse sentido, as formações discursivas a respeito do assunto suscitam em meio à pandemia memória de situações outrora vivenciadas (re)produzindo sentido. O sujeito do discurso, um cidadão militar reformado, político e o atual presidente do Brasil ao se constituir pela linguagem produz sentido histórico-social e ideológico. Pois:

Aquilo que, numa conjuntura dada, determinada pelo estado de luta de classes, determina o que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa, etc. (PÉCHEUX, 1995, p. 160).

Diante dessa afirmação, percebe-se, na investigação, outra interpretação que está diretamente ligada ao enunciado do discurso: uma classe (governo federal e apoiadores do governo) teoricamente competindo com uma decisão publicada pela Organização Mundial e Ministério da Saúde, através da convocação “pede que joguem pesado com”. O ato de pedir revelam aspectos polissêmicos e parafrásticos citados por Eni Orlandi (2005). Ora, pedir, solicitar, convocar, implorar, rogar demanda um gesto de leitura entre o mesmo e o diferente e que representa intimidação aos que comungam com a ciência, naquele momento, adeptos do *lockdown*. A partir daí, o que pode e deve ser dito é regido pelas classes representadas e pertencentes a sujeitos ideológicos.

Por isso, torna-se possível, na condição de quem analisa o discurso, produzir gestos de interpretação acerca do dado coletado. O sujeito do discurso pensa estar escolhendo suas palavras selecionando aquilo que deseja falar, mas os sentidos atravessam e, de acordo com essa perspectiva, a posição ocupada pelo sujeito discursivo traz a representatividade de uma classe, que se sente representada pela figura do presidente. Doravante, o outro lado (o indivíduo mencionado, conhecido como governador do Estado de São Paulo João Doria) passa a representar a classe empresarial que optou por acreditar nas medidas de isolamento, embasada nas pesquisas científicas a respeito da temática lockdown.

Logo, esse gesto de leitura permite enxergar uma disputa política, significando, de certa forma, a luta de classes, o que nos leva a interpretar a oposição à classe científica, corroborando o negacionismo científico no Brasil. Vale ressaltar que o enunciado surge a partir de uma fala do próprio presidente, que discursou em uma de suas apresentações oficiais.

Para Pêcheux, o sentido é instável, pois o sujeito para a análise de discurso é descentrado, interpelado pela ideologia e afetado por seu inconsciente e:

Através das estruturas que lhe são próprias, toda língua da percepção imediata; nela se inscreve assim a eficácia omni-histórica da ideologia como tendência incontornável a representar as origens e os fins últimos, o alhures, o além e o invisível (PÊCHEUX, 1990, p. 8).

Pêcheux, em suas teorizações, observa que a questão ideológica é constituída a partir de vozes que ecoam de forma heterogênea, ora em discursos políticos, ora religiosos, sociais ou outros.

Entretanto, é preciso chamar atenção para as vozes que não são ouvidas a partir desse discurso. O que não foi dito, aquilo que foi silenciado no negacionismo científico que surgiu a partir desta temática, a pandemia da covid-19. A percepção que se tem a respeito do nosso primeiro dado coletado é que a política do silenciamento também nos significa algo. No momento em que se pede guerra e se fala sobre um assunto de nível e alcance nacional, será que não deixou de se falar realmente o que se pensava, mas que politicamente não poderia?

Façamos o seguinte gesto de interpretação: se o discurso fosse dito de outra forma: *Bolsonaro fala em guerra e pede que empresários joguem pesado com Doria, pois a ciência não tem eficácia, nem veracidade sobre o lockdown*. Orlandi (2005), com seus estudos preconiza a voz do silêncio como muito importante para a análise de discurso, pois, ao escolher entre falar de uma forma e não de outra, estamos optando em silenciar uma voz e não a outra. Então, o sujeito produz sentidos, a partir do que é dito e do que não é dito, quando o presidente opta em silenciar a ciência e os profissionais da saúde em ir contra a uma das medidas de contenção do avanço do vírus: *lockdown*.

O Brasil naquele momento no auge da crise, não esperava por decisões ambíguas, contundentes ou divergentes, mas, sim, ao menos, atos de responsabilidade e mais respeito para com os profissionais da área e claro apoio para os estudos científicos. O propósito de salvar vidas na corrida contra o vírus devia sempre estar em primeiro lugar em um país e não a retomada da economia em meio à pandemia.

Assim, a declaração realizada na videoconferência em 14 de maio de 2020 pelo presidente da República, com a finalidade de decidir o futuro da economia do Brasil, não considerou 13.555 mortes provocadas pela covid-19 até aquele momento. Pelo viés da análise de discurso, o sentido sempre pode ser outro, as relações de poder que um discurso propaga não são ingênuas, tampouco neutras, os sentidos não estão postos ali da forma como as palavras foram ditas; é preciso ver compreender não apenas o sentido estrito, mas o sentido amplo, seu contexto histórico-social e ideológico.

Por fim, o discurso negacionista, segundo a teoria da AD (francesa) produz efeitos de sentido, pois se inscrevem na história significando e ressignificando a quem posso interpretar.

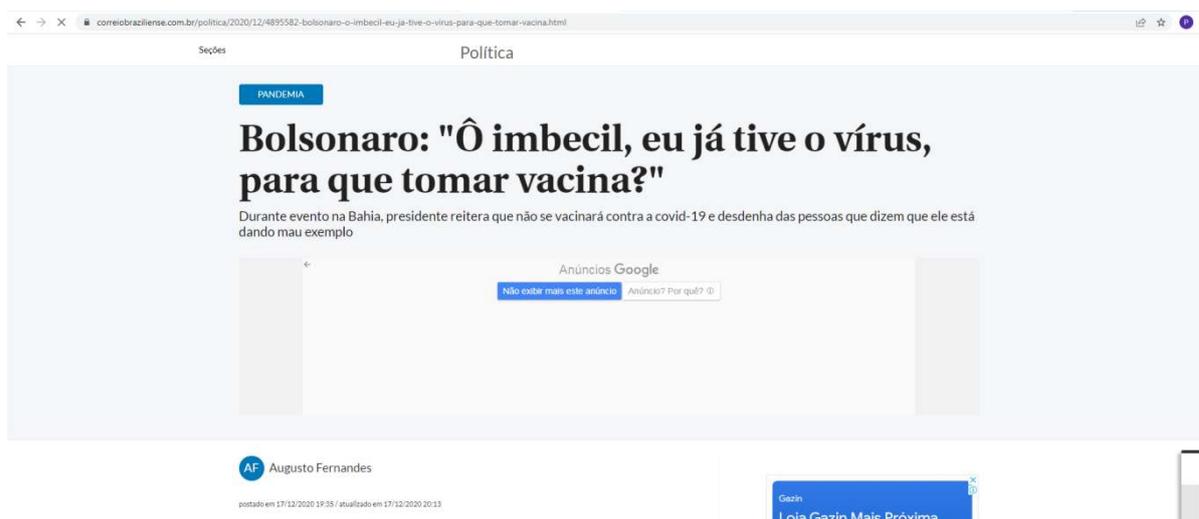
4.3. Análise 2: “Ô imbecil, eu já tive o vírus, para que tomar a vacina?”

Segundo Pêcheux, o discurso não é original:

Se prosseguirmos com a análise do discurso político – que serve aqui apenas de representante exemplar de diversos tipos de processos discursivos – veremos que, por outro lado, ele deve ser remetido às relações de sentido nas quais é produzido: assim, tal discurso remete a tal outro, frente ao qual é uma resposta direta ou indireta, ou do qual ele “orquestra” os termos principais ou anula os argumentos (PÉCHEUX, 1969/1997, p. 77).

Seguindo para a análise do segundo dado, o processo discursivo ocorrido em 17/12/2020 evoca novamente o acontecimento pandemia e também provoca novos gestos de leituras. A notícia publicada no último semestre de 2020 traz em seu enunciado uma frase retirada de um pronunciamento do presidente em evento realizado na Bahia sobre o uso de vacinas [conforme já referido, no jornal eletrônico *Correio Braziliense*], visto como um dos canais de informação mais importantes de Brasília e, por extensão, do país.

Analisemos agora o texto a seguir:



Fonte: Disponível em: <<https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2020/12/4895582-bolsonaro-o-imbecil-eu-ja-tive-o-virus-para-que-tomar-vacina.html>>.

Logo no início dos estudos científicos sobre a descoberta de uma vacina para a covid-19, muitos rumores surgiram em torno do assunto. Polêmicas entre grupos a favor da vacina e antivacina emergiram e passaram a suscitar reflexões sobre a eficácia da mesma.

Ora, se voltarmos um pouco na história, veremos que desde sempre a humanidade caminhou na área da saúde para grandes descobertas, afinal, o objetivo sempre foi salvar vidas. Entretanto, a resistência no Brasil referente a esse

acontecimento não é atual. Em um artigo publicado sobre “O mundo das vacinas – caminhos des(conhecidos)”, Larrocca e Carraro afirmam o seguinte:

Apesar de a obrigatoriedade não ter provocado conflitos nesse Estado, como aconteceria no Rio de Janeiro uma década mais tarde, ela desencadeou uma acirrada polêmica em torno dos limites entre “o respeito às liberdades individuais e as prerrogativas do Estado em Saúde Pública”. A discussão sobre a validade da intervenção estatal na vida privada não se deu exclusivamente em torno da vacina obrigatória, uma vez que o ideário liberal do movimento republicano se dividia entre a condenação da intervenção do Estado nas questões sociais e a defesa de uma ação governamental que interferisse no crescimento econômico do país (TETAROLLI JR., 1996, p. 166-167).

Cabe aqui salientar que não se pretende com esta pesquisa firmar posição a favor ou contra a vacina da covid-19, mas sim provocar no leitor a reflexão sobre produção e reprodução de sentidos em que a discussão sobre ela pode proporcionar. Defender ou não o uso de vacinas, pode parecer inocentemente apenas por não acreditar nas questões científicas, mas na perspectiva da teoria da análise de discurso é possível a compreensão do fato de uma forma menos ingênuas e segundo Pêcheux ao pronunciar um discurso, existe um mundo de significações e que passa a fazer sentido diante de um determinado contexto, ou melhor, dizendo para a AD são as condições de produção que permite produzir sentido. E o movimentar desses discursos científicos e anticientíficos, se efetivam em uma prática ideológica.

Diante de um arsenal de notícias sobre o assunto da vacina contra a covid-19, é preciso entender de fato a questão do negacionismo científico. A proposição em analisar esse temática no viés da análise de discurso de linha francesa, permitiu encontrar no gênero a notícia, possibilidades para produção de uma breve discussão.

Em contexto análogo, a notícia é configurada por Bakhtin como gênero, logo, é uma categoria discursiva que permeia os textos veiculados pela mídia, ou em qualquer veículo, podendo ser textos orais ou escritos, pois “o gênero do discurso não é uma forma da língua, mas do enunciado que, como tal, recebe do gênero uma expressividade determinada, típica e própria” (BAKHTIN, 1997, p. 312). A caracterização do gênero notícia ocorre pela forma como encontramos o texto sendo veiculado pela mídia digital e na esfera jornalística.

Assim, podemos iniciar nosso gesto de interpretação, olhando o fato de que o próprio site procura evidenciar o autor do discurso, colocando-o em primeiro lugar na publicação (Bolsonaro dois pontos), logo depois vem a fala que o mesmo produziu durante uma solenidade do governo federal na Bahia. Diante de inúmeras indagações e especulações a respeito da vacina contra a covid-19, eis um discurso a ser analisado que não acredita na sua eficácia. Conforme Pêcheux, “um discurso sempre remete a outro”.

Pelo viés da AD, a materialidade da linguagem implica significação, ou seja, tudo o que é expresso, o texto, a composição da notícia, a escolha das palavras, a foto selecionada, o tema contribuiu para num todo produza efeito de sentido. É dialógico aos enunciados anteriores, pois ao mencionar um dizer não estamos passivos de carregar nas palavras vozes que implicam sentidos marcados por aspectos ideológicos.

A palavra (e em geral, o signo) é interindividual. Tudo o que é dito, expresso, situa-se fora da “alma”, fora do locutor, não lhe pertence com exclusividade. Não se pode deixar a palavra para o locutor apenas. O autor (o locutor) tem seus direitos imprescritíveis sobre a palavra, mas também o ouvinte tem seus direitos, e todos aqueles cujas vozes soam na palavra têm seus direitos (não existe palavra que não seja de alguém). A palavra é um drama com três personagens (não é um dueto, mas um trio) (BAKHTIN, 1997, p. 351).

Essas relações dialógicas provocam movimentos “que afetam os sujeitos e os sentidos na sua relação com a história e com a língua”. Portanto, o que ocorreu no dia 17/12/2020, na reunião sobre a vacinação da covid-19, nos permite interpretar que o locutor neste caso, o presidente, trouxe consigo em seu discurso, dizeres carregados de sentidos. O autor, com seus direitos sobre teorizar ou discursar sobre determinado assunto, traz consigo vozes possíveis de ser escutadas pelo viés da análise de discurso.

Bem se sabe que toda descoberta gera discussões, ainda mais quando se trata da área da ciência. As grandes descobertas científicas levaram tempo, principalmente na área da saúde, pois se trata de um direito a vida, que todo cidadão independente de raça, idioma, classe, religião deve ser garantido. Claro que durante esse processo a discordância, a crítica é válida, mas o que vimos nos últimos meses é o negacionismo científico e seu avanço.

Adiante, Orlandi (2015) ainda afirma que “são as condições de produções que constituem os discursos”. Como funcionamento discursivo a linguagem proporciona de acordo a AD de linha francesa, uma leitura da ideologia. Assim, os fatos registrados na/pela história produzem sentidos de acordo com as condições que são produzidas.

A teoria da análise de discurso, nos ensina a pensar o inconsciente, o político, a ideologia, a história, a diferença, buscando sentidos que sempre podem ser outros. O desafio de analisar dados a partir dessa perspectiva é justamente a tentativa de produzir leituras ou interpretação a respeito de um discurso.

O falante (emissor), teorizado por Orlandi, desqualifica o sujeito que o interpela sobre a vacinação e “em resposta” o chama de “imbecil”, produzindo gestos de truculência, ignorância e rigidez. Dando sequência à busca dos sentidos, na expressão “eu já tive o vírus”, é possível emitir gesto de sentido através do não dito mencionado por Orlandi:

[...] mas também é o fato de que o não dito é subsidiário ao dito. De alguma forma, o complementa, acrescenta-se. De todo modo, sabe-se por aí que, ao longo do dizer, há toda uma margem de não ditos que também significam. Na análise do discurso, há noções que encapam o não dizer: a noção de interdiscurso, a de ideologia, a de formação discursiva (ORLANDI, 2005, p. 82).

Diante das palavras ditas, é preciso analisar o não dito. Assim, quando o sujeito do discurso diz “eu já tive o vírus”, pressupõe dizer: “estou imunizado”. Portanto, em casos desse tipo, “as relações de poder em uma sociedade como a nossa produzem sempre a censura, de tal modo que há sempre silêncio acompanhando as palavras” (ORLANDI, 2005). Os sentidos são produzidos e atravessados pela ideologia, para a qual sempre pode ser “outros”.

Pelo exposto, o “interdiscurso possibilita dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada” e a constituição desse sujeito evidencia a interpelação ideológica e simbólica através da história.

4.4. Análise 3: “sou o único chefe de Estado do mundo a ser contra essa política’, diz Bolsonaro sobre isolamento social”

Levando em consideração a disseminação do negacionismo científico no Brasil no que tange à pandemia da covid-19, entretanto, observa-se que grandes grupos de pessoas (na verdade, quase toda a população do país) acabaram contrariando essa estatística. Apesar de se ver na situação de ter de enfrentar a resistência de muitos devido a informações controversas, sem fontes e, principalmente, sem respaldo científico, a ciência vem desempenhando o seu papel e produzindo avanços em seus estudos.

Entretanto, acionamos dispositivos teóricos na perspectiva de Orlandi, neste momento, com o objetivo de fazer a análise a respeito do terceiro dado citado na dissertação [o da revista *CartaCapital*].

A priori, consideremos a data da publicação da notícia como o primeiro aspecto a ser interpretado (7/10/2021). Vale lembrar que a OMS (Organização Mundial da Saúde) recebeu uma alerta em 31.12.2019, sobre vários casos de pneumonia:

Em 31 de dezembro de 2019, a Organização Mundial da Saúde (OMS) foi alertada sobre vários casos de pneumonia na cidade de Wuhan, província de Hubei, na República Popular da China. Tratava-se de uma nova cepa (tipo) de coronavírus que não havia sido identificada antes em seres humanos (PAHO.ORG, 2020).

Logo após a identificação do vírus em 2019, um mês depois, a Organização Mundial da Saúde decreta estado de emergência:

Em 30 de janeiro de 2020, a OMS declarou que o surto do novo coronavírus constitui uma Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional (ESPII) – o mais alto nível de alerta da Organização, conforme previsto no Regulamento Sanitário Internacional. Essa decisão buscou aprimorar a coordenação, a cooperação e a solidariedade global para interromper a propagação do vírus. Essa decisão aprimora a coordenação, a cooperação e a solidariedade global para interromper a propagação do vírus (PAHO.ORG, 2020).

Mesmo assim, depois de quase dois anos da descoberta do vírus até o primeiro registro do caso no Brasil em 26/2/2020, ainda é possível perceber a permanência (insistência) de muitos cidadãos vulneráveis à propagação de discursos negacionistas a respeito das medidas de prevenção da covid-19.

Com o aporte da teoria da Análise de discurso (escola francesa), é possível enxergar a relação deste discurso com os outros acionando a memória discursiva, pois “um dizer tem relação com outros dizeres realizados, imaginados ou possíveis” (ORLANDI, 2005, p. 39).

Ao produzir este gesto de leitura, observando a data da veiculação da notícia, os efeitos de sentido acionam períodos marcados por resistência, imposição, violência, censura, pois os sentidos estão presentes ao longo da história e sem perceber acionam significados em nós:

Isto é a memória, o interdiscurso. Por outro lado, a cada vez que dizemos “colonização”, ou que nos significamos em relação a essa história, esses sentidos retornam, mas, ao mesmo tempo, podem derivar para outros sítios de significação (E. Orlandi, 1993), produzindo novos sentidos, efeitos do jogo da língua inscrito na materialidade da história (ORLANDI, 2005 p. 39).

Assim a significação em relação à história, o negacionismo científico se mostra presente em vários momentos já enfrentados pelo Brasil.

Na perspectiva da AD, o sujeito e a situação são elementos fundamentais para a produção de sentidos, por isso, as condições de produção em que está inserido o discurso e os acontecimentos ocorridos desde então “significam”, de alguma maneira.

Continuemos então, na busca de novas leituras acerca do terceiro dado:

Fonte: disponível em:< <https://www.cartacapital.com.br/cartaexpressa/sou-o-unico-chefe-de-estado-do-mundo-a-ser-contra-essa-politica-diz-bolsonaro-sobre-isolamento-social/>>

A linguagem jamais é inocente, e a teoria da análise de discurso em articulação com o simbólico e o político, permite esta constatação. Na condição de usuário da língua o sujeito está assujeitado o que permite um caminho para novas práticas de leituras e:

Não podemos, por outro lado, pensar a teoria da interpelação sem referir á ideologia dominante. Tratamos assim da relação língua-discurso-ideologia na implicação de uma região histórica particular que define essa relação. Assim trata-se de refletir sobre a relação interpelação/assujeitamento, de um lado, e, de outro, a alienação como parte dessa relação. Ou seja, ao mesmo tempo em que relacionamos assujeitamento e alienação, os distinguimos (ORLANDI, 2011 p. 13)

O discurso do presidente Jair Messias Bolsonaro em relação ao isolamento social na tentativa de se eximir em relação a situação econômica do país, culpando prefeitos e governadores depois de mais de um ano da confirmação do primeiro caso no Brasil, merece uma análise menos ingênua.

Vale lembrar que nesse período os números de óbitos não paravam se crescer:

Uma pesquisa inédita da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) mostra que o número de mortes por covid-19 no Brasil em 2020 foi 18,2% maior do que o registrado. A análise indicou que foram 230.452 óbitos pela doença no ano passado e não 194.949. Os resultados do estudo, financiado pelo Programa

Assim, mesmo com apontamentos crescentes de óbitos, e estudos que se empenhavam em reduzir esses números, percebemos posicionamentos negacionistas divulgados e veiculados pela mídia. O que deixa evidente a falta de conhecimento técnico-científico, do Sr. Presidente sobre as medidas de prevenção, que foram anunciadas durante esse período contra a covid-19. Para melhor compreensão o trecho abaixo foi retirado da notícia em análise: “Estamos pagando o preço da política do ‘fique em casa e a economia a gente vê depois’. Eu, talvez, tenha sido o único chefe de Estado do mundo a ser contra essa política. É uma guerra. Ninguém vai ganhar a guerra dentro da toca ou na trincheira”. (Carta Capital 2021).

Para compreender esse discurso, nosso gesto de leitura a respeito neste momento, volta-se para as condições de produção desse dizer. Em sentido estrito, nosso contexto imediato, apresenta-se um cenário de disputas políticas, desespero, pois a inflação do Brasil era preocupante, e ainda é, o índice de desempregados vinha aumentando e fechando 2021 com um número correspondente a 12 milhões, uma sociedade marcada por dor, grandes perdas, escolas fechadas, comércio fechado e do outro lado um inimigo a se combater – o vírus da covid-19.

Adiante, no viés da Análise de discurso francesa, ao considerarmos as condições de produção deste discurso, no sentido amplo, enxergamos um contexto sócio-histórico, ideológico.

Ao produzir este discurso, o sujeito significa e a ideologia aciona a relação entre o pensar, entre a língua e o mundo, assim os objetos simbólicos produzem sentidos.

“Sou o único chefe de Estado no mundo” – são palavras que ecoam sentidos, em especial, em uma sociedade representada hierarquicamente pelos poderes Executivo, Legislativo e Judiciário. O presidente eleito por um país que possui seu regime de Estado Democrático de direito, ecoa em seus pronunciamentos voz de comando evidenciando a organização dos três poderes refletindo do outro lado (o povo) obediência e subordinação.

A produção de acontecimentos, na/pela história, significa de certa forma, negligência sanitária por parte do Governo Federal em outras pandemias já enfrentadas, por exemplo, a gripe espanhola (1918-1920). Vejamos a afirmação da Liane Bertucci, doutora em história, em um de seus trabalhos:

Em 1918, no front da Primeira Guerra Mundial, soldados começaram a ser vitimados por uma doença até então desconhecida. Foi denominada de “Gripe Espanhola”, e recebeu este nome porque foram os jornais da Espanha, país neutro na guerra, que começaram a divulgar o surto que estava vitimando combatentes. Nos países diretamente envolvidos no conflito, notícias foram censuradas para não arrefecer a moral das tropas. Foi considerada a maior epidemia da história (BERTUCCI 2003, p. 106).

A gripe durou quase dois anos e neste período, publicações realizadas sobre o assunto deixaram marcas registradas na história que perduram até os dias atuais. Adriana Goulart, mestre em história social pela Universidade Federal Fluminense, afirmou o seguinte em seu artigo sobre a gripe espanhola:

Quando as primeiras notícias sobre a gripe chegaram ao Brasil, foram tratadas “com descaso e em tom pilhérico, até mesmo em tom de pseudocientificidade ilustrando um estranho sentimento de imunidade face à doença” (Goulart, 2005 p. 102).

Contudo, a produção desse acontecimento, significa na forma como estão relacionados os discursos de extrema direita, ditatorial, negacionista, do atual governo onde o imaginário afeta o sujeito que o produziu. A memória discursiva na notícia coletada para análise evidencia um já dito, ou seja, o pré-construído. Quando o presidente decide ser o único contra uma política validada pela ciência, naquela condição de produção discursiva dada, automaticamente todos os outros dizeres anticientíficos significam de certo modo nessa narrativa.

Adiante, assim como diz Eni Orlandi “não há língua que não ofereça lugar à interpretação”, nosso gesto de leitura a partir desse momento é na relação de força que o presidente ao tomar a palavra “sou o único chefe” faz significar. Portanto, “o lugar a partir do qual fala o sujeito é constitutivo do que ele diz”.

A autoridade que representa Jair Messias Bolsonaro, de acordo com a teoria da AD (francesa), reflete as relações de força própria de seu cargo político, o que

valida todo o seu dizer como o presidente da República. Desta forma, os sujeitos presentes neste evento realizado no Palácio do Planalto em outubro de 2021, enfrentou condição de ouvinte/subordinado.

Como foco, na leitura de sua imagem, o resultado dessa projeção, demonstra um sujeito que não teme ser contrariado, com posicionamento firme de suas convicções, e que teoricamente não se intimida ao se colocar em relação aos outros chefes de estado como único a ir contra a ciência, neste caso, nos estudos que apontavam o isolamento social, como a melhor prevenção e disseminação da doença. O que corroborou para a circulação de notícias com viés negacionista produzindo efeitos de sentidos contra a classe científica e profissionais da saúde.

O que implica, neste momento é a produção de sentido representada pela relação de poder, justamente pela posição encontrada no sujeito do discurso, os efeitos de sentido produzido na condição de presidente tornam-se diferente quando dito no lugar de fala na posição de pai, ex-capitão, filho, marido entre outras posições.

Dito dessa forma, “onde está a interpretação está a relação da língua com a história para significar” (ORLANDI, 2005, p. 78). Após estudos demonstrarem a eficácia do isolamento social, mesmo com exemplos de países que adotaram essa medida e tiveram índices de óbitos reduzidos, muitos assim como o presidente não adotaram a medida. Visto na aglomeração de pessoas, que frequentavam eventos e reuniões realizados pelo governo federal, muitos sem uso de máscara e sem o distanciamento social.

E ao se tratar do isolamento social, a leitura que se faz do presidente em relação aos demais líderes de governo do mundo, é um isolamento na perspectiva ideológica.

E. Orlandi afirma que:

“Este é o trabalho da ideologia: produzir evidências, colocando o homem na relação imaginária com suas condições de existência. Podemos começar por dizer que a ideologia faz parte, ou melhor, é a condição para a constituição do sujeito e dos sentidos. O indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia para que se produza o dizer” (ORLANDI, 2005 pg. 46).

A fim de produzir novo gesto de interpretação, a evidência do sentido não está na materialidade da língua. Logo, nosso terceiro dado no aspecto ideológico,

evidencia um sujeito que é sempre interpelado em seu dizer, pois “não há sujeito sem ideologia”. “Ideologia e inconsciente estão materialmente ligados”.

Desse modo, ao dizer que em relação ao outro você é o único representante político contra ou a favor de algo, implica interpelação ideológica e como afirma Eni Orlandi (2011):

“Faz parte da ideologia, no capitalismo, a existência de formas de onipotência no chamado domínio pessoal em que a posição é “se eu quiser, eu posso tudo” e essa posição aparece como se sustentando na vontade e na consciência. No sujeito como origem e dono de si. Ilusão da transparência do sujeito para si mesmo. E há formas de onipotência também no domínio social: “juntos podemos tudo”, posição que se sustenta na quantidade e na pretendida consciência coletiva. Ilusão da transparência da sociedade, negação da ideologia” (ORLANDI, 2011 p. 213).

A resistência em pensar que o sujeito é dono de si e que a linguagem é transparente, é ilusória, pois ao se debruçar na coleta dos dados para a presente pesquisa, percebemos inúmeras formações ideológicas sendo veiculadas pela mídia digital em desfavor da ciência, dentre elas a que selecionamos. E as palavras “tiram seu sentido dessas posições, isto é, em relação às formações ideológicas nas quais essas posições se inscrevem” (ORLANDI 2005 p. 43). E, segundo a autora, “a formação discursiva se define como aquilo que numa formação ideológica dada – ou seja, a partir de uma posição dada em uma conjuntura histórico-social dada – determina o que pode e deve ser dito”. E nessa relação às palavras produzidas se relacionam com os dizeres presentes e dizeres que estão alojados na memória do sujeito no discurso.

O corte nos investimentos á pesquisa, por parte do governo federal, deixa claro a falta de credibilidade que a ciência apresenta para o chefe do Estado.

O projeto aprovado pelo Congresso que remaneja mais de R\$ 600 milhões que seriam usados para bolsas de estudo e apoio à pesquisa gerou críticas entre entidades do setor. Elas apontam que se trata de um golpe na ciência que prejudica o desenvolvimento do país e impede iniciativas de pesquisa, como o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Da forma como foi aprovada, a proposta tira 90% dos recursos do Fundo Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FNDCT) e os transfere para outras áreas de sete ministérios (GLOBO.COM.2021).

A notícia, foi publicada pelo site G1 em outubro de 2021, mesmo período em que vimos apontamentos por parte do governo em relação ao enfrentamento da

pandemia no Brasil. Esse retrocesso, se deu mediante a desculpa de que os valores destinados não estavam sendo utilizados. Paralelo a tudo isso, em um momento em que o Brasil mais precisava da ciência, a equipe econômica age contra a lei.

Enfim, a política do silenciamento mais uma vez acontece diante dos olhos de milhões de brasileiros, que necessitavam de respostas, mas que foram silenciados, á medida que os discursos negacionistas ganhavam a cena.

Enquanto a Organização Mundial da Saúde pede cooperação e solidariedade para interromper a propagação do vírus, vimos na contramão a crescente onda do negacionismo científico liderado pela presidência do Brasil.

Observa-se também, as relações de força instituídas nestes discursos o que resulta na luta de classe entre a científica e o senso comum. Falar sobre silêncio é imprescindível, pois os sentidos também podem ser vistos através daquilo que não dito do que foi silenciado em detrimento de outra palavra.

Em síntese, nesta terceira e última análise, percebe-se que no âmbito da AD da escola francesa a tentativa de interpretar uma produção discursiva significa produzir novas leituras a respeito do objeto estudado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação, cujo objetivo foi o de analisar a construção e a circulação do negacionismo científico no Brasil, com todos os efeitos que uma decisão dessas, encampada pelo presidente da República, Jair Messias Bolsonaro, pode gerar (e, de fato, gerou) a uma população, chega a seu termo. No caso, o negacionismo quanto à eficácia de vacinas e de medidas de isolamento social, em especial o chamado *lockdown* então recomendado pela OMS, visando a combater a disseminação, país a fora, do vírus da covid-19, ou coronavírus.

A partir da base em aportes teóricos da Análise de Discurso de Linha Francesa (Michel Pêcheux, Eni Puccinelli Orlandi), também contribuiu muito a escolha de outros autores, a exemplo de Mikhail Bakhtin, Michel Foucault, Karl Marx e Sigmund Freud. Com isso, procuramos compreender o discurso partindo da premissa de que ele é instrumento de poder e, como tal, tem o condão de influenciar, de sugerir, ditar normas e, até mesmo, “contaminar” comportamentos de uma determinada sociedade.

Assim, acreditamos que os recursos metodológicos adotados nesta pesquisa nos conduziram satisfatoriamente ao objetivo inicialmente traçado.

Ao lado dos referenciais teóricos de autores no âmbito da academia, ainda houve uma abordagem, bastante ampla, de todo o universo daquilo que compreendemos como *mídia* (jornais, revistas, televisão, rádio), todavia, mais especialmente focados no trabalho, e em suas inevitáveis reverberações, dos meios de comunicação digital, os webjornais.

Na análise proposta das três notícias em foco, o objetivo maior se concentrou em mostrar a força do negacionismo científico diante de um vírus tão grave e avassalador, causador de tantas mortes, particularmente nos anos de 2020 e 2021.

ao bem maior de todo ser humano, o de preservar a própria vida, é certamente uma das maiores aberrações que se pode esperar de um intitulado chefe de Estado.

Conforme se sabe, a mídia, e ainda mais a digital, catapultou o acontecimento “pandemia” fazendo circular seus efeitos de sentido entre sujeitos de todas as

classes sociais, credos e filiações ideológicas e/ou político-partidárias. Assim, o assunto se tornou o “top dos tops” em todo o território brasileiro, tornando os tópicos notícia e noticiário os mais vistos, disparadamente, no país, no período estudado.

Por esses e outros motivos, acreditamos que esta dissertação, ao trazer à luz um tema ao mesmo tempo atual e candente como o do negacionismo científico relacionado à pandemia de covid-19, num trabalho mediado pela mídia, sobretudo, a digital, mostrou-se oportuna. E, de acordo com aquilo que almejamos desde a proposição do tema, que seja este mais um passo no estímulo a novos estudos e à abertura de outras perspectivas de estudos/pesquisas acerca do assunto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e aparelho ideológico do estado**. 3ª edição. Rio de Janeiro, Editora Graal. 1969.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 2ª ed. Tradução feita a partir do francês por Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____. **Estética da criação verbal**. 2ª Tiragem. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BERTUCCI, Liane Martins. **Conselhos ao povo: educação contra a influenza de 1918**. Cadernos Cedes, 23(59)113-117.

CANAVILHAS, João. **Webjornalismo: Da pirâmide invertida à pirâmide deitada - 2006**.

DUCROT, Oswald. **O Dizer e o Dito**. São Paulo: Pontes, 1987.

DURKHEIM, Émile. **As Regras do Método Sociológico**. São Paulo, Martins Fontes, 2007.

FERRARI, Polyana. **Jornalismo digital**. São Paulo: Contexto, 2004.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987. Trad. L. F. B. Neves.

_____. **Arqueologia do Saber**. 7ª ed. Tradução Luiz F.B. Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005a.

FREUD, Sigmund. As pulsões e seus destinos (1915). In: _____. *Obras incompletas de Sigmund Freud*. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

_____. Psicologia das massas e análise do eu (1921). In: _____. *Obras incompletas de Sigmund Freud* (Cultura, sociedade, religião: O mal-estar na cultura e outros escritos). Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

Goulart, A. C. (2005). **Revisitando a espanhola: a gripe pandêmica de 1918 no Rio de Janeiro**. História, Ciências, Saúde-Manguinhos, 12(1), 101-142.

JOCA, Jornal. **Conheça a história do *Jornal no Brasil***. Joca, 2017. Disponível em <<https://www.jornaljoca.com.br/conheca-a-historia-do-jornal-no-brasil/>> Acesso: 18/6/2021.

LAROCCA, Liliane Muller e CARRARO, Telma Elisa. **O mundo das vacinas – caminhos (des)conhecidos. 2000.**

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

MAINGUENEAU, Dominique. **Discurso e Análise do Discurso**. Ed. Parábola: 2015. Tradução: Sírio Possenti.

MALDIDIER, Denise. **A Inquietação do Discurso: (Re)Ler Michel Pêcheux Hoje**. Campinas, SP: Pontes, 2003.

MUSSALIM, Fernanda. **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**, 2001.

ORLANDI, Eni P. **Análise do discurso: princípios e procedimentos**. Campinas, SP: Pontes, 2005.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Discurso em Análise. Sujeito, Sentido, Ideologia**. Editora: Pontes; 1ª edição (1 janeiro 2011).

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso - uma crítica à afirmação do óbvio**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1995.

_____. **Papel da Memória**. In: **Papel da Memória**. Pierre Achard et al. Tradução: José Horta Nunes. 1ª edição. Campinas, SP: Pontes, 1999.

_____. **Sobre os contextos epistemológicos da Análise do discurso**. Tradução de Eni P. Orlandi. In: _____. **Análise do discurso: Michel Pêcheux**. Textos selecionados por Eni Puccinelli Orlandi. 2ª ed. Campinas, SP: Pontes, 2011b. p. 283-294.

_____. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi.

SOUSA, Jorge Pedro. **Uma história breve do jornalismo no Ocidente (2008)**.

VIOLANTE, Maria Lucia Vieira. *Piera Aulagnier - Uma contribuição à obra de Freud*. São Paulo: Via Lettera Editora e Livraria, 2001.

-----/-----

SITES CONSULTADOS

AGRELA, Lucas. **Google divulga termos mais buscados de 2020**. Disponível em < <https://exame.com/tecnologia/google-divulga-termos-mais-buscados-de-2020/>>. Acesso: 16/9/2021.

BBC NEWS BRASIL. Texto: Analía Llorente. **“Por que a origem da linguagem ainda é uma incógnita para a ciência”**. Hay Festival Digital Colombia@BBC Mundo. 14 de março de 2021. Disponível em < <https://www.bbc.com/portuguese/geral-55985319#:~:text=Acredita%2Dse%20que%20a%20linguagem,descendam%20de%20um%20antepassado%20comum>> Acesso: 21/12/2021.

BOND, Letícia. **Pesquisa revela aumento do consumo de notícias durante a pandemia**. BRASIL, Agência, 2020. Disponível em < <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2020-06/pesquisa-revela-aumento-do-consumo-de-noticias-durante-pandemia>> Acesso: 31/7/2021.

FIOCRUZ, Portal. **“Estudo analisa registro de óbitos por covid-19 em 2020”**. Fio cruz, 2021. Disponível em < <https://portal.fiocruz.br/noticia/estudo-analisa-registro-de-obitos-por-covid-19-em-2020>> Acesso: 6/5/2022.

GLOBO, G1. **Mapeamento mostra aumento do consumo de mídia online no Brasil durante a quarentena**. G1, 2020. Disponível em < <https://g1.globo.com/economia/midia-e-marketing/noticia/2020/04/16/mapeamento-mostra-aumenta-consumo-de-midia-online-no-brasil-durante-a-quarentena.ghtml>> Acesso: 7/7/2021.

GLOBO, G1. **Entidades de pesquisa criticam proposta que retira R\$ 600 milhões em investimentos**. G1, 2021. Disponível em < <https://g1.globo.com/politica/noticia/2021/10/09/entidades-de-pesquisa-criticam-proposta-que-retira-r-600-milhoes-em-investimentos.ghtml>. Acesso: 11/05/2022.

_____. “Brasil registra 781 mortes por covid; média móvel entra em tendência de queda após quase dois meses”.

<https://g1.globo.com/saude/coronavirus/noticia/2022/02/25/brasil-registra-781-mortes-por-covid-media-movel-entra-em-tendencia-de-queda-apos-quase-dois-meses.ghtml>. Acesso: 26/2/2022.

OPAS, Organização Pan Americana da Saúde. **Folha informativa sobre a covid-19**. Disponível em < <https://www.paho.org/pt/covid19>>. Acesso: 11/5/2022.

OPAS, Organização Pan-Americana de Saúde. **Histórico da pandemia de covid-19**. Disponível em < <https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19>>. Acesso: 11/5/2022.

VALENTE, Jonas. “Brasil tem 134 milhões de usuários de internet”. BRASIL, Agência, 2020. Disponível em < <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2020-05/brasil-tem-134-milhoes-de-usuarios-de-internet-aponta-pesquisa>> Acesso: 14/7/2021.

ANEXOS

Figura 1 - “Bolsonaro fala em 'guerra' e pede que empresários joguem 'pesado' com Doria contra 'lockdown'”

Presidente voltou a atacar medidas de isolamento adotadas por governadores em meio à pandemia. Bolsonaro ainda criticou condução de MPs pelo presidente da Câmara, Rodrigo Maia.

Por Guilherme Mazui e Ana Krüger, G1 — Brasília

14/05/2020 15h48 Atualizado há 2 anos



Jair Bolsonaro e ministros Braga Netto (Casa Civil) e Paulo Guedes (Economia) durante conferência com empresários e industriais — Foto: Marcos Corrêa/PR

O presidente Jair Bolsonaro afirmou nesta quinta-feira (14) que empresários precisam "jogar pesado" com o governador de São Paulo, João Doria, a fim de evitar um eventual "lockdown" no estado. Bolsonaro usou o termo "guerra" para se referir à disputa política. "Um homem está decidindo o futuro de São Paulo. Está decidindo o futuro da economia do Brasil. Os senhores [empresários], com todo o respeito, têm que chamar o governador e jogar pesado, jogar pesado, porque a questão é séria. É guerra", disse o presidente.

Entenda o que é 'lockdown'

Bolsonaro fez a declaração durante videoconferência com empresários e o presidente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), Paulo Skaf. O encontro virtual discutiu a necessidade de retomada da economia em meio à pandemia do novo coronavírus.

No encontro, Bolsonaro disse que, se dependesse dele, o Brasil adotaria o isolamento vertical e seguiria o exemplo da Suécia – país nórdico que já admitiu erros na estratégia de enfrentamento à Covid-19.

Segundo levantamento exclusivo do G1 junto às secretarias estaduais de saúde, até esta quinta foram registradas no Brasil 13.555 mortes provocadas pela Covid-19 e 196.375 casos confirmados da doença.

Ao longo da conversa, o presidente voltou a criticar medidas de isolamento social adotadas por governadores como forma de tentar reduzir a velocidade do contágio do novo coronavírus. Para o presidente, um "apagão total" em São Paulo é "inimaginável".

O secretário de Comunicação do governo, Fábio Wajngarten, discursou no mesmo sentido. Segundo ele, o governo federal deseja "o contrário" do que sinaliza o governo paulista.

Wajngarten pediu para que os empresários pressionem os governadores pela retomada das atividades da economia. O secretário afirmou, ainda, que a Presidência da República está do lado dos empresários.

"Então, pressionem os governadores, pressionem os governos a quem de direito. A Presidência da República está com vocês. O presidente Bolsonaro trabalha para vocês. O governo trabalha para vocês, a Presidência, aqui em Brasília. Pressionem a quem de direito, por favor. A gente é voz solitária aqui. Paulo [Skaf], lidere isso por favor", disse Wajngarten.

Doria responde

No fim da última semana, o governador de São Paulo prorrogou as medidas de isolamento até o próximo dia 31.

Após a fala de Bolsonaro nesta quinta, Doria declarou em nota que, "mais uma vez", o presidente da República "perde a chance de defender a saúde e a vida dos brasileiros".

Doria disse que "São Paulo está lutando para proteger vidas". Já o presidente, segundo ele, opta por "fazer comícios, andar de jet ski, treinar tiros e fazer churrasco" enquanto "milhares de brasileiros estão morrendo todos os dias".

"Acorde para a realidade presidente Bolsonaro. Saia da bolha de ódio e comece a ser um líder se for capaz", disse Doria.

Mais tarde, ao inaugurar um hospital em São Bernardo, Dória disse que Bolsonaro está "mais interessado em atender a um pequeno grupo de empresários" do que "defender a vida de brasileiros".

Críticas a Maia

Na mesma videoconferência, Bolsonaro, sem citar o nome do presidente da Câmara, Rodrigo Maia (DEM-RJ), criticou a entrega da relatoria da medida provisória 936 ao deputado Orlando Silva (PCdoB-SP). O texto flexibilizou contratos de trabalho na pandemia.

"Olha, se me permite, uma coisa: não é desabafo não, é uma realidade. Entregar a MP da flexibilização de contrato para o PCdoB, é para não resolver. Então tem gente que não é do governo, esta lá dentro de outra Casa, que não quer resolver o assunto", disse.

"Parece que fez acordo com a esquerda. E não dá para fazer acordo com a esquerda, nós já sabemos qual é a linha da esquerda. É uma linha sindical, é uma linha que realmente que não está voltada para o desenvolvimento", complementou.

Bolsonaro incluiu, ainda, críticas à tramitação da MP 910, que trata da regularização fundiária e perderá validade por falta de acordo na votação. O texto está no plenário da Câmara, mas os líderes já fecharam acordo para enviar um projeto de lei com teor similar, em vez de avançar a MP enviada pelo governo.

"É um absurdo, um absurdo. Agora, de acordo para quem o comando da Câmara, dá a relatoria, ele já sinaliza que não quer resolver nada. Parece que quer afundar a economia, para ferrar o governo, para talvez tirar um proveito político lá na frente. De quem?", diz Bolsonaro.

Guedes e o veto a reajustes

Durante a videoconferência, o ministro da Economia, Paulo Guedes, voltou a defender a sanção do projeto de auxílio econômico a estados e municípios, e o veto à possibilidade de reajustes salariais a categorias de servidores públicos.

Desde a aprovação do texto no Congresso, na última semana, Bolsonaro vem dizendo que acatará as sugestões de Guedes. Até esta quinta, no entanto, a sanção ainda não tinha sido publicada.

"O presidente está disposto a fazer o veto, agora, ele vai fazer o veto, vai ter o custo político para depois os governadores pegarem os recursos e o Congresso derrubar o veto? Em vez de virar o dinheiro da saúde, vira o dinheiro de aumento do funcionalismo. Isso é moralmente errado, isso é tecnicamente um absurdo, é um suicídio fiscal", disse.

Guedes pediu o apoio aos empresários, "que sempre financiaram campanhas eleitorais", para que procurem parlamentares.

"Nós precisamos do apoio dos senhores, que sempre financiaram campanhas eleitorais, que têm acesso a todos os parlamentares, que têm intimidade com presidente da Câmara e presidente do Senado, os senhores têm acesso. Trabalhem esse acesso para nos apoiar. É importante que o dinheiro da saúde chegue na saúde, por isso que o presidente está considerando o veto", afirmou.

Ao final da conversa, Guedes fez um adendo ao pedir que os empresários "esclareçam" parlamentares sobre a importância da ação do governo. O ministro disse acreditar na democracia e considerou "má leitura" afirmar que o governo pressiona outros poderes.

"A gente defende isso com certo entusiasmo e às vezes há uma má leitura disso. 'Ah, eles tão querendo pressionar isso, pressionar aquilo'. Não é nada disso. Acreditamos no Congresso, acreditamos justamente de que a coisa vai dar certo no final", disse Guedes.

Figura 2 - Ô imbecil, eu já tive o vírus, para que tomar a vacina?

Durante evento na Bahia, presidente reitera que não se vacinará contra a covid-19 e desdenha das pessoas que dizem que ele está dando mau exemplo.

postado em 17/12/2020 19:35 / atualizado em 17/12/2020 20:13

a/2020/12/4895582-bolsonaro-o-imbecil-eu-ja-tive-o-virus-para-que-tomar-vacina.html

iLovePDF | ferrame... Portal da Nota Fisc...

5 **CORREIO BRAZILIENSE** Política Bolsonaro: "Ô imbecil, eu já tive o vírus, para que tomar vacina?"

AF Augusto Fernandes

postado em 17/12/2020 19:35 / atualizado em 17/12/2020 20:13



(crédito: Alan Santos)

The image shows a man, identified as Augusto Fernandes, speaking at a podium. He is wearing a dark blue button-down shirt over a light blue collared shirt. He is looking slightly to his right. In front of him is a microphone on a stand. Behind him, a blue banner with white text is partially visible, including the words "VA POS" and "DO G". The background is out of focus, showing what appears to be an indoor event space with other people and lights.

O presidente Jair Bolsonaro voltou a falar que não vai tomar uma futura vacina contra a covid-19. Nesta quinta-feira (17/12), durante solenidade do governo federal em Porto Seguro (BA), ele lembrou que já foi infectado pelo novo coronavírus e que, por isso, teria anticorpos para combater a doença, sendo uma vacina desnecessária para ele.

Por conta dessa postura, Bolsonaro disse que tem recebido críticas e que está dando um mau exemplo para a população. Irritado, o presidente subiu o tom. “Eu não vou tomar (a vacina). Alguns falam que eu estou dando um péssimo exemplo. Ô imbecil, ô idiota. Eu já tive o vírus e eu já tenho os anticorpos. Para que tomar vacina de novo?”, questionou. A recusa de Bolsonaro em se imunizar ocorre em meio a casos de reinfecção pelo novo coronavírus.

No evento desta tarde, Bolsonaro disse que qualquer vacina que receber a certificação da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) será “extensiva a todos que queiram tomá-la”. Mas destacou que ninguém pode ser obrigado a se vacinar.

Mulher de barba

O mandatário chegou a alertar para possíveis efeitos colaterais dos imunizantes e até fez piadas. “Na Pfizer (farmacêutica norte-americana que está produzindo uma das vacinas) está bem claro no contrato: nós não nos responsabilizamos por qualquer efeito colateral. Se você virar um chipanz... se você virar um jacaré, é problema de você. Não vou falar outro bicho aqui para não falar besteira. Se você virar o Super Homem, se nascer barba em alguma mulher aí ou um homem começar

a falar fino, eles não têm nada a ver com isso. Ou o que é pior, mexer no sistema imunológico das pessoas. Como você pode obrigar alguém a tomar uma vacina que não se completou a terceira fase ainda? Que está na experimental?”, questionou.

“Quem não quiser tomar vacina, se porventura ele contrair o vírus, e a vacina for comprovadamente eficaz lá na frente, não sabemos ainda, a responsabilidade é dele. Não podemos obrigar, aqui é democracia. Aqui não é Venezuela, Cuba e não temos ditadura aqui. Não persegui gays mulheres, nordestinos, negros. Liberdade total”, acrescentou.

Críticas ao Congresso

Bolsonaro fez menção, ainda, ao veto estabelecido por ele a uma proposta aprovada pelo Congresso Nacional, em maio, que estabeleceu que a Anvisa tem até 72 horas para autorizar a utilização no Brasil de produtos de combate à covid-19 que sejam aprovados por autoridades internacionais. Em agosto, o veto foi derrubado pelo parlamento.

A decisão do Congresso, segundo Bolsonaro, foi um erro. “Tenho profundo respeito pelo parlamento. Tem nos ajudado com muita coisa. Obviamente, alguma coisa não chega a acordo e é natural, porque se tudo fosse aprovado, não seria democracia. Mas deram uma pisada de bola nesse veto”, criticou.

O presidente alertou que “nós estamos mexendo com vidas”. “Cadê a nossa liberdade? Dá vontade de pegar o cara que derrubou, de quem votou pra derrubar o veto e dizer: ‘Vem cá, vai tomar injeção, vai tomar vacina da China, ou não? Você derrubou o veto, tem que dar o exemplo’.”

Nesta quinta-feira, o ministro do STF Ricardo Lewandowski autorizou estados e municípios a comprarem vacinas aprovadas por agências sanitárias do exterior, sem necessidade de aval da Anvisa. O imunizante produzido pela Pfizer, que já é aplicado em países como Reino Unido e Estados Unidos, é uma das vacinas que estariam contempladas nesta situação.

Figura 3 “sou o único chefe de Estado do mundo a ser contra essa política”, diz Bolsonaro sobre isolamento social”

O ex-capitão tentou se eximir de responsabilidade e culpar prefeitos e governadores pela inflação



Foto: Reprodução/TV Brasil

O presidente Jair Bolsonaro usou um evento no Palácio do Planalto, nesta quinta-feira 7, para atacar prefeitos e governadores e voltar a lançar dúvidas sobre as vacinas contra a Covid-19.

O ex-capitão tentou se eximir da responsabilidade pelo avanço dos preços de itens básicos. “Estamos pagando o preço da política do ‘fique em casa e a economia a gente vê depois’. Eu, talvez, tenha sido o único chefe de Estado do mundo a ser contra essa política. É uma guerra. Ninguém vai ganhar a guerra dentro da toca ou na trincheira. Quando falei ‘gripezinha’, falei que era para mim”, disse Bolsonaro. Na sequência, tornou a questionar a vacinação de adolescentes. O ministro da Saúde, Marcelo Queiroga, estava na cerimônia.

“O número de pessoas que morrem por Covid abaixo de 20 anos tá o quê? 99,99%, Queiroga? Então por que vacina? Meu deus do céu, será que é um negócio que estamos vendo em jogo no Brasil e no mundo, que ninguém tem coragem de falar? Politicamente não é bom falar, você perde voto, perde simpatia, vão te chamar de negacionista”. Prosseguiu. “Vivemos a hipocrisia, quase o mundo todo vive na hipocrisia.”

Bolsonaro tentou, por fim, se descolar da disseminação de notícias falsas sobre a pandemia e as vacinas.

“Fake news é aquilo que contraria a imprensa ou o G-7 da CPI. Você fala qualquer coisa suspeita sobre vacina e pronto, é fake News. Se botar na sua página, vai ser derrubada a sua página. Se bobear vai pra cadeia.